

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Tatiana Pereira Gomes

Entre a prática e a ciência: O parto através da trajetória do médico
Mário Totta (1904-1940).

Porto Alegre

2009

Tatiana Pereira Gomes

Entre a prática e a ciência: O parto através da trajetória do médico
Mário Totta (1904-1940).

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado com requisito
parcial para a obtenção do título
de Bacharel em História, da
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul.

Orientador: Luis Alberto Grijó

Porto Alegre

2009

Este trabalho é dedicado à minha família que sempre esteve presente nos bons e maus momentos. E a meu namorado Roberto Mackrodt pela compreensão em todos os momentos.

Agradecimentos

Muitas pessoas contribuíram ao longo desta caminhada, agradeço a todos pelas horas doadas.

Ao Professor Luiz Alberto Grijó meu orientador, pelos seus conhecimentos, sua atenção e sua boa vontade.

Aos colegas que me ajudaram ao longo desta pesquisa com sábios conselhos e ouvidos tranquilos.

Memórias... Recordações de homens e de episódios.
Criaturas que topei no meu caminho e me deixaram
gravados os seus retratos; quadros que eu vi, e me ficaram
na retina: uma certa pessoa cuja cara eu todas as manhãs
olho no espelho.

Mário Totta

Resumo

Compreender como foi possível que os médicos exercessem domínio sobre práticas antes feitas por leigos, sobretudo no campo da obstetrícia é o intuito principal desta pesquisa. Para tanto, nos valem do estudo de trajetória de um médico: Mário Totta. Utilizando como fontes: escritos do próprio médico; periódicos do período: o Correio do Povo e o Diário de Notícias; também a publicação da Sociedade de Medicina, os Archivos Rio Grandenses de Medicina; Relatórios da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre; dois livros de autoria do médico: O Médico em Casa e Medicina em Pílulas: Breviário da Saúde. Através dessas fontes foi possível determinar como as relações sociais e políticas do médico, bem como sua visibilidade na sociedade, combinada com o domínio exercido sobre as parteiras possibilitaram a ele ocupar cada vez mais uma área antes restrita a prática das parteiras leigas..

Sumário

Introdução.....	p.8
Capítulo 1: Mário Totta: Relações sociais e políticas.....	p.20
1.1: Da Infância ao Correio do Povo.....	p.21
1.2: Relações políticas.....	p.22
1.3: Do futebol ao carnaval.....	p.29
Capítulo 2: Medicina Social e a luta pela Regulamentação da Medicina.....	p.31
Capítulo 3: Médicos e Parteiras	p.36
3.1: Nasce o Curso de Partos.....	p.37
3.2: O Curso de Enfermagem Obstétrica e a nova Maternidade.....	p.39
3.3: O lugar das parteiras e sua relação com o aborto criminoso.....	p.40
Conclusão.....	p.47
Bibliografia.....	p.49
Anexos.....	p.52

Introdução

Imaginemos a seguinte situação: estamos em uma emergência de um hospital público brasileiro. Todos os doentes que chegam a este setor são submetidos a uma triagem, que vai definir quem será atendido e quem permanecerá aguardando sentado na sala repleta de outros que passam pela mesma situação. Esta ordem de atendimento é clinicamente determinada, ou seja, a medicina estabelece os critérios para que seus profissionais “selecionem” quem precisa de atendimento imediato. Não apenas neste exemplo podemos perceber a força inquestionável da “verdade” médica. Os pacientes não possuem qualquer prerrogativa frente a esse poder e a essas organizações.

Nem sempre foi assim. O poder da ciência médica foi construído ao longo dos séculos com sangrias e purgas no século XIV; com a teoria dos miasmas no século XVIII; com a teoria bacteriana no final do século XIX; e com as emergências lotadas do século XXI. Segundo Weber, a Medicina, em 1900, já era considerada uma atividade científica por diversos autores que tratam da história dessa disciplina¹.

Apresentada como ciência e como uma prática homogênea, com suas técnicas amplamente difundidas para todos os profissionais, e assim autorizadas pelo seu discurso, excluindo outras possibilidades de conhecimento na área da cura, foi considerada uma atividade que enunciaria a verdade a respeito do funcionamento do corpo, do modo como as doenças atingem o homem e da melhor terapêutica para o seu tratamento. E mais, esse conhecimento teria sido adquirido pelo método experimental, aplicado ao estudo de seu objeto: o homem e as doenças.²

Existiram no Brasil inúmeras práticas de cura anteriores à regulamentação da profissão médica, bem como aquelas que se mantiveram durante este processo e posteriormente, entre elas a atuação de parteiras na área obstétrica. No Rio Grande do Sul a regulamentação da medicina ocorreu apenas em 1932 juntamente com a fundação do sindicato médico. Foi um extenso trajeto, que se tornou especialmente peculiar no mencionado Estado, sobretudo, no final do século XIX, período em que o positivismo destacava-se no cenário político estadual. Segundo Beatriz Weber:

“Os dirigentes do governo, no Estado, assumiram uma posição política declaradamente positivista após a República, adotando como princípio a

¹ WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar*. Santa Maria: EDUSC. 1999. p.83

² Idem. p.84

liberdade profissional e de cultos, e normatizando a prática da Medicina apenas pelo registro e pagamento das taxas ou multas por exercício indevido. Ao mesmo tempo, defendiam a completa liberdade religiosa, o que permitiu o desenvolvimento de práticas de cura alternativas. Em torno delas, até 1928, houve sérios conflitos com os médicos que tentavam organizar-se como grupo e reivindicavam o fim da liberdade profissional, exigindo a regulamentação da Medicina.”³

Até o final do século XIX havia apenas duas faculdades de medicina no Brasil. Uma no Rio de Janeiro e outra na Bahia, ambas controladas pelo governo central. Com uma população de 52 mil habitantes, em 1890, Porto Alegre possuía apenas 37 médicos diplomados. A maioria dos rio-grandenses que decidiu cursar medicina optava pelo Rio de Janeiro em função da menor distância na comparação com Salvador ou países estrangeiros. Entretanto, a endemia de febre amarela e as péssimas condições sanitárias da cidade se constituíam em ameaça a ser considerada.⁴

Era, portanto, o momento certo para surgir uma faculdade de Medicina no Estado do Rio Grande do Sul. Uma de suas remotas origens encontra-se no ano de 1894, quando um grupo de farmacêuticos, proprietários de farmácias e drogarias de Porto Alegre, reuniram-se para aprovar a criação de um curso de Farmacêutica. A escola de farmácia saiu do papel já no ano seguinte. Em 1897 é criado no Estado um curso de partos. Fundado por Protásio Alves, com o auxílio de Dioclécio Pereira, Carlos Nabuco e Sebastião Leão.

Em 1898, pela união do Curso de Partos com a Faculdade de Farmácia, nasce a Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Ela foi a terceira a ser criada no país. Instituição privada foi a primeira a ser criada depois da República, sendo que o país aguardará doze anos pela segunda, a de Minas Gerais.

Compreender como foi possível que os médicos exercessem domínio sobre práticas antes feitas por leigos, sobretudo no campo da obstetrícia é o intuito principal desta pesquisa. Torna-se necessário estabelecer alguns contornos iniciais para esta pesquisa. Em um primeiro momento o recorte geográfico: o Rio Grande do Sul, mais especificamente a cidade de Porto Alegre, palco da fundação do Sindicato Médico do Estado. Com o intuito de melhor compreender este momento da sociedade, analisaremos a trajetória de vida de um médico: Mário Totta. Formado pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 1904 na primeira turma do curso, da qual foi orador, Totta, também foi um dos fundadores do Sindicato Médico do Rio Grande do Sul e lutou pela regulamentação da profissão.

³ WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar*. Santa Maria: EDUSC. 1999. p.25

⁴ HASSEN, Maria de Nazareth. Fogos de Bengala no céu de Porto Alegre.

Outro ponto interessante da vida deste médico é que se dedicou à ginecologia e obstetrícia, área dominada na época por parteiras que atendiam as mulheres em suas casas. Conforme Beatriz Weber:

A existência de espaços e práticas de cura alternativos manifesta-se com maior intensidade no atendimento às moléstias de senhoras. As mulheres eram atendidas em casa ou nas casas das parteiras e, mesmo quando atendidas por médicos, ainda não havia conhecimento suficiente sobre técnicas como cesariana ou o funcionamento do corpo feminino. Só eram convocados médicos formados por parturientes de posses ou para partos complicados, não resolvidos pelas parteiras e comadres.⁵

O que mudou então nessa sociedade de início do século XX para que em pouco tempo os médicos ocupassem o espaço antes concedido às parteiras, inclusive estabelecendo outro tipo de relação social? As parteiras eram comadres, vizinhas, pessoas que estabeleciam um vínculo de confiança e amizade com a paciente, eram por vezes confidentes. O médico está fora deste círculo de “confidências”, mas consegue adentrar nesta área de trabalho apoiado no saber científico.

Assim acreditamos que através da trajetória de Mario Totta será possível perceber como se deu esta “ocupação médica” na saúde da mulher, e, sobretudo que mudanças foram vislumbradas nessa sociedade para que isso fosse possível. O recorte cronológico da pesquisa está ligado à trajetória de Totta como médico. Assim considero os marcos de 1904, ano de sua formatura, até 1940, ano da inauguração da nova maternidade da Santa Casa de Misericórdia, que carrega o nome de Mário Totta até os dias atuais e foi um marco no atendimento às gestantes. Com a criação desta maternidade, a primeira de fato na Santa Casa de Misericórdia, o atendimento às gestantes passa a ser de fato uma função médica.

Diversas pesquisas já abordaram o tema proposto⁶, trabalhando a formação e legalização da profissão médica, mas nenhum deles abordou o tema do envolvimento das parteiras nesta relação com a medicina em Porto Alegre e de como os médicos estabeleceram-se em um terreno antes muito feminino. Acreditamos que através da trajetória de um médico, que trabalhou exatamente nesta área e ainda destacou-se na luta pela legalização da profissão, possamos vislumbrar as mudanças nas relações sociais desta época que possibilitaram o estabelecimento da medicina nesta área tão feminina.

Como objetivo principal desta pesquisa, pretendemos perceber através da trajetória de Mário Totta e suas relações sociais como a profissão médica ocupou espaços sociais antes

⁵ WEBER, Beatriz. Op Cit. p.195

⁶ Ver p.16

destinados a uma medicina popular, especialmente no caso das parteiras. E ainda que mudanças ocorreram na sociedade para que isso fosse possível.

Como fontes primárias, utilizaremos obras publicadas de Mario Totta que envolvem poesia, conferências, crônicas, contos, cartas, discursos e memórias, considerando os três últimos itens como mais importantes. É em suas cartas, seus discursos e memórias que Mario Totta aborda o seu trabalho na medicina e sua convivência com parteiras e pacientes, bem como as relações sociais que manteve. Para melhor compreendermos a questão das parteiras curiosas⁷ e de como eram vistas pela sociedade e pelo grupo médico nos valem das publicações do *Correio do Povo*. Desde 1925, ano da criação do Curso de Enfermagem Obstétrica até 1940, ano da reforma na maternidade da Santa Casa de Misericórdia.

Também utilizamos como fonte para compreender como Totta atuava na Medicina Social dois livros seus, ambos publicados em 1939: *O Médico em casa* e *Medicina em pílulas: breviário da saúde*. Para vislumbrarmos a atuação de Totta na luta pelo fim da liberdade profissional utilizaremos a publicação da Sociedade de Medicina: os *Archivos Rio Grandenses de Medicina*, de 1925, ano de início da publicação até 1940, quando a Medicina já estava devidamente regularizada. Também nos valem dos relatórios da Santa Casa de Misericórdia, do ano de 1898, onde apresenta informações sobre a fundação do Curso de Partos, até 1940.

Como este trabalho trata-se de um estudo de trajetória, baseado em grande medida em memórias pessoais e escritos de Mario Totta, para abordar este tipo de fontes trago aqui uma breve discussão sobre a utilização da biografia e a legitimidade deste estudo.

A discussão sobre a biografia e suas utilizações, atualmente permeia o meio acadêmico e sua produção. Mas este é um gênero que na verdade nunca deixou de ocupar espaços fora da academia. Desde pequenos somos bombardeados com informações e “exemplos de vida”, levados até nós pela mídia. Quem não conhece a história de Pelé, “o rei do futebol”, ou de Silvio Santos, “o humilde camelô que construiu sozinho um Império”. Essas não são as mesmas biografias a serem produzidas e utilizadas no meio acadêmico.

Certamente apenas poderei lançar uma pequena luz sobre uma discussão ainda em curso e não tenho a pretensão de esgotar nenhum ponto do debate, mas apenas de estar mais bem instrumentada para também desenvolver minha pesquisa.

Um ponto crucial a ser estabelecido então diz respeito à possibilidade do uso acadêmico da biografia. Quais os problemas fundamentais a que devemos estar atentos para nos valermos do relato biográfico. Cabe aqui uma questão inicial: É possível contar a história de uma vida? Responde-nos Pierre Bourdieu:

⁷ Parteiras Curiosas eram aquelas que não tinham feito um curso específico para atuar. Aprenderam o ofício com suas mães, avós, etc. Em contrapartida haviam parteiras formadas desde o ano de 1898.

“Falar de história de vida é pelo menos pressupor – e isso não é pouco- que a vida é uma história e que, como no título de Maupassant, Uma vida, uma vida é inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.”⁸

Portanto contar uma “história de vida” implicaria conceber a existência individual como passível de ser organizada cronologicamente e logicamente. Como se os acontecimentos assim transcorressem como se houvesse uma linha da vida e para a vida. Seria, ainda na lógica de Bourdieu, entrar no terreno do “senso comum” porque aí sim as histórias individuais assumem essas formas biográficas. Significa contar uma vida como um caminho que possui um início, algumas etapas e um fim. E ainda um início e um fim de duplo sentido. Pois o início é o ponto de partida, mas também tem o sentido de princípio. E o término além de ser o ponto final também é o objetivo a ser alcançado.

Há uma exaltação do indivíduo, a construção de uma figura heróica, ou mesmo a sua apresentação de forma a degradar sua imagem transformando-o em vilão, mas a lógica ainda é a mesma. A narrativa se constrói de forma que desde um princípio determinado o indivíduo já visava o objetivo final. Segundo Luiz Alberto Grijó:

“Em ambos os casos concepções essencialistas, mesmo metafísicas, e lineares estão presentes, pois os caracteres atribuídos ao sujeito continuam sendo apresentados como essências a ele fixadas desde a origem e para sempre, ou seja, como um *arché* relacionado a um *telos*.”⁹

Mas será que uma vida pode ser assim concebida sociologicamente? Diz-nos Bourdieu que:

“Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos sem outro vínculo que não a associação a um sujeito cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações.”¹⁰

A trajetória de um indivíduo, portanto, não pode existir de forma isolada, mas através das relações objetivas que o unem aos demais indivíduos em um mesmo campo, ou em campos diversos, ocupando lugares sociais, muitas vezes, diferentes ao longo do tempo. Conforme Levi para construir uma biografia partindo dessa fragmentação seria necessário

⁸ BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, FGV, 2001, P.183

⁹ GRIJÓ, Luis Alberto. Biografia, para quê? In: CORADINI, Odaci Luiz (org.). *Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes*. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008, p.186

¹⁰ BOURDIEU, Pierre. Op. Cit. P.190

“reconstruir o contexto, a ‘superfície social’ em que age o indivíduo, numa pluralidade de campos a cada instante.”¹¹

Assim torna-se extremamente difícil, se não impossível, construir uma biografia sem cair no erro dessa “ilusão biográfica” que pretende uma história de vida linear. Mas então deveriam os historiadores desistir da biografia? Responde-nos Luiz Alberto Grijó:

“Não, com certeza. O que me parece ser o problema é que a biografia e a narrativa não podem ser o fim (telos) do trabalho historiográfico, podendo ser, por outro lado e legitimamente, seus instrumentos, até privilegiados, para que sejam atingidos os objetivos de produzir conhecimento histórico como parte do campo do saber, para usar a expressão de Bourdieu.”¹²

De acordo com esta posição poderíamos nos valer da biografia como fonte, muitas vezes riquíssima, para produzir conhecimento histórico através da pesquisa. Ou mesmo construir sim uma biografia se isso for necessário para chegar ao objetivo do trabalho historiográfico. A biografia, portanto, não é de forma alguma descartável e há muitas formas de utilizá-la no meio acadêmico.

Em seu trabalho, Giovanni Levi explicita algumas formas de uso da biografia que podem ser produto de olhares diversos e problemas diversos. Aqui nos interessam dois casos específicos: O primeiro dos usos seria o que o autor chama “Biografia e Contexto”. Aqui a biografia mantém suas especificidades, mas é complementada e compreendida sob a luz do contexto histórico e social do momento e lugar social em que está inserido o indivíduo. O contexto explica determinadas singularidades que podem parecer inexplicáveis à primeira vista. Também pode ser usado para “completar lacunas documentais por meio de comparações com outras pessoas cuja vida apresenta alguma analogia.”¹³ Significa dizer que cada desvio aparente em relação às normas estabelecidas ocorre em um contexto histórico que o justifica. No entanto, neste caso estaríamos ignorando que o indivíduo também age sobre o meio, modificando-o, e que este contexto não é tão estático assim.

O segundo uso seria a “Biografia e os casos extremos”. Este tipo de estudo de trajetória individual nos traz uma visão diferenciada onde o objeto de estudo é percebido por estar nas margens de seu campo social. “Descrevendo os casos extremos, lança-se luz precisamente sobre as margens do campo social dentro do qual são possíveis esses casos.”¹⁴ Um bom exemplo desse caso é o trabalho de Carlo Ginzburg em “O Queijo e os Vermes”.

¹¹ LEVI, Giovanni. . Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, 2001, p.169.

¹² GRIJÓ, Luis Alberto. P.94

¹³ LEVI, Giovanni. Op. Cit. p.176

¹⁴ LEVI, Giovanni. Op. Cit. p.176

Através do estudo de uma trajetória individual, de Menóccchio, um moleiro condenado pela inquisição que sabia ler e escrever e apropriava-se de conceitos da elite fazendo deles um uso próprio, o autor analisa a circularidade da cultura e sobretudo, a cultura popular. Menóccchio age exatamente nas margens de seu campo sem, no entanto, dele sair. Como nos confirma o próprio Ginzburg:

“Da cultura do próprio tempo e da própria classe não se sai a não ser para entrar no delírio e na ausência de comunicação. Assim como a língua, a cultura oferece ao indivíduo um horizonte de possibilidades latentes - uma jaula flexível e invisível dentro da qual se exercita a liberdade condicionada de cada um”¹⁵

Assim os dois usos da biografia aqui citados são na verdade muito semelhantes. Apesar de um enfatizar aquilo que é mais recorrente e o outro os casos extremos ambos mantêm o contexto social retratado como algo rígido sem perceber a força que o indivíduo pode exercer sobre ele. Giovanni Levi faz uma crítica muito coerente quando diz que “deveríamos indagar mais sobre a verdadeira amplitude da liberdade de escolha”¹⁶ Há uma escolha consciente que pode ocorrer nos interstícios dos sistemas normativos e sobre eles agir. Apesar da crítica não podemos deixar de considerar a importância dos estudos de trajetória individual. Conforme Mário Grynspar:

“O exame de trajetórias individuais nos permite avaliar estratégias e ações de atores em diferentes situações e posições sociais, seus movimentos, seus recursos. As formas como os utilizam ou procuram maximizá-los, suas redes de relações, como se estruturam, como as acionam, nelas se locomovem ou as abandonam”¹⁷

Ou seja, podemos perceber as relações que em um plano macro jamais perceberíamos e que são de grande importância para compreender certas engrenagens sociais. O estudo de Mário Grynspar sobre Tenório Cavalcanti é também um exemplo de utilização de biografias como fonte para construir um estudo de trajetória, que tem um objetivo muito mais complexo

¹⁵ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989. p.20

¹⁶ LEVI, Giovanni. Op. Cit. p.179

¹⁷ GRYNSPAR, Mário. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, n. 14, p.73-90, out., 1990. p.3

do que simplesmente contar a vida do biografado. No caso seria perceber como funcionam as relações e os idiomas da patronagem.

Assim, após esta breve análise chegamos a algumas conclusões importantes. A primeira e talvez mais imprescindível diz respeito a validade da utilização da biografia pelos historiadores. Apesar dos problemas já explicitados, como o perigo de cair na “ilusão biográfica” e a impossibilidade de se encerrar uma trajetória individual fragmentada em um relato linear. Sabemos agora que apenas partes dessas trajetórias podem ser levantadas, fragmentos de relações que podem nos permitir chegar até o tecido social que as contém e perceber seus entrelaçamentos internos de uma forma que um olhar mais amplo não nos permitiria.

Como uma imensa tapeçaria em que um único fio pode fazer parte de complexas gravuras diferentes, assim são as “histórias de vida” que perpassam diferentes campos e relações ao longo do tempo. Mas podemos através desse fio único lançar um olhar breve sobre as gravuras por ele formadas porque ele contém em si todas as cores pertencentes àquelas gravuras que permeia. Nesta analogia, no entanto, deve-se considerar que enquanto a tapeçaria é um tecido estático, o tecido social está em constante mudança, e os indivíduos nele envolvidos possuem liberdade de escolha, ainda que muitas vezes relativa.

Uma segunda conclusão seria a de que utilizar a biografia requer muito cuidado. Já foram colocados anteriormente alguns dos problemas relacionados ao relato biográfico e a seus possíveis usos. Como vimos seguindo a tipologia estabelecida por Giovanni Levi, todos os usos, por ele explicitados, da biografia possuem suas limitações, mas estar consciente dessas e do debate a seu respeito é o mais importante para de fato construir conhecimento histórico. Como pesquisadores, devemos seguir um método que se pretende científico e estar atentos para que nossa produção mantenha esse caráter que a difere de outras produções. Eis aí a diferença entre as “histórias de vida” que conhecemos desde pequenos e aquelas as quais se utiliza a academia para a produção científica.

A história da medicina no Brasil já foi estudada por vários autores, de formas diferentes ao longo do tempo. Aqui vamos abordar algumas obras clássicas bem como estudos mais recentes que tratam da consolidação do saber científico da medicina sobre as práticas populares de curandeirismo, temática que estaremos trabalhando ao longo deste trabalho.

Os primeiros trabalhos sobre a história da medicina foram produzidos pelos próprios médicos que procuravam construir uma versão laudatória e enobrecedora do desenvolvimento progressivo da ciência médica, construindo assim uma memória de celebração da medicina vigente.

Como exemplo desta produção de caráter ufanista poderíamos citar o trabalho de Lycurgo Santos Filho, com seus dois volumes de uma *História geral da medicina brasileira*¹⁸. Neste trabalho de 1977, o autor promove um “resgate dos fatos”, personagens e instituições que se destinavam a lutar contra as doenças e promover a saúde, na época colonial ou imperial, produzindo uma narrativa de caráter descritivo e esquemático. Os médicos são vistos como personagens exemplares, como beneméritos participantes de instituições de caridade e pesquisa.

Uma outra perspectiva teórica orientou um conjunto de pesquisadores mais recentemente, vinculados às análises de Michel Foucault. Uma obra pioneira neste sentido foi a *Danação da Norma*¹⁹ de 1978. A obra aborda o nascimento de um tipo de medicina característico da sociedade capitalista. Analisa os conceitos básicos da medicina social e da psiquiatria brasileiras, mas não se limita a uma abordagem interna: pretende refletir sobre esses saberes como prática social. Não se trata, portanto, de julgar a cientificidade da medicina, mas de analisar que novo tipo de saber ela representa e que novo tipo de poder ela implica necessariamente. O objetivo do trabalho é compreender a figura moderna da medicina, seu papel na sociedade, sua ambição como instrumento técnico-científico a serviço, direta ou indiretamente, do Estado. O projeto médico defenderia e justificaria uma sociedade medicalizada, lutando por uma posição em que o direito, a educação, a política e a moral seriam condicionados a seu saber. Essa perspectiva tentou aplicar à sociedade escravista brasileira um enfoque que se revelou pouco apropriado porque carente de base empírica, como indica a pesquisa de Flávio Edler.²⁰

Da mesma forma procurando correlacionar a produção do saber médico com o processo de constituição do Estado brasileiro, surgiu na década 1970, outra perspectiva elaborada por historiadores e cientistas sociais. Segundo Beatriz Weber:

Esta sugere uma estreita relação entre a produção do saber médico e uma estratégia de poder voltada para a formação de uma consciência higiênica do povo e para a exclusão institucional dos charlatães. Vinculam, ainda, a adoção de práticas sanitárias à construção da relação de dominação das elites agrárias com os outros grupos sociais. A constituição de instituições médicas estaria assim relacionada, sobretudo, com a organização do poder após a República, servindo-o e fazendo parte dele enquanto integrante de seu corpo institucional..²¹

¹⁸ SANTOS FILHO, Lycurgo. **História geral da medicina brasileira**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1991.

¹⁹ MACHADO, Roberto et al. **Danação da norma: Medicina social e constituição da medicina no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

²⁰ EDLER, Flávio Coelho. **As Reformas do ensino Médico e a profissionalização da Medicina na corte do Rio de Janeiro, 1854-1884**. São Paulo: USP, 1992 p.138-139.

²¹ WEBER, Beatriz. P.23.

Alguns exemplos deste tipo de trabalho orientado por uma certa perspectiva marxista são: *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde* de Madel Terezinha Luz do ano de 1982²²; *Prevenir e Curar : o controle social através dos serviços de saúde* de Paul Singer de 1981²³; *O capitalismo e a saúde pública* de Emerson Elias Merhy de 1987²⁴; apenas para citar alguns nomes.

Poderíamos questionar nas três abordagens apresentadas até aqui a forma como é apresentada a medicina, como se a corporação médica já estivesse constituída no século XIX e a medicina já tivesse seu poder consolidado ao longo do Império. De certa forma ignoram-se as tensões significativas entre a medicina científica e as diversas práticas de cura, que já seriam residuais e sem importância numa sociedade plenamente “medicalizada”, para alguns desses autores.

A produção historiográfica das décadas de 1990 e 2000 vem trazer uma nova abordagem neste sentido. Novos estudos têm procurado revitalizar o papel dos médicos, questionando a aceitação do prestígio e poder da medicina acadêmica desde o início da construção do Estado Nacional. Desta forma exploram a historicidade do processo de legitimação do saber médico perante os órgãos públicos de saúde, criticando as abordagens da medicina como homogênea e institucional. Um exemplo desta historiografia é o trabalho de Flávio Edler: *As Reformas do ensino médico e a profissionalização da Medicina na Corte do Rio de Janeiro, 1854-1884*, do ano de 1992²⁵. O autor aborda a formação da medicina no final do século XIX e seus conflitos com as demais práticas populares de curandeirismo, ainda largamente utilizadas pela população.

Outro importante trabalho a ser destacado é o de Gabriela Sampaio: *Nas Trincheiras da Cura: as diferentes Medicinas no Rio de Janeiro Imperial*, de 1995²⁶. Como o próprio título já destaca, a autora trabalha com a relação entre a medicina científica e a medicina popular praticada por leigos, como o curandeiro Marius, famoso em sua época ao qual a autora confere certo destaque.

No mesmo ano de 1995 também foi publicada pela primeira vez a obra de Nara Britto: *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*²⁷. A autora analisa a literatura

²² LUZ, Madel Terezinha. *Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850 -1930)*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

²³ SINGER, Paul et al. *Prevenir e Curar: o controle social através dos serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

²⁴ MERHY, Emerson Elias. *O capitalismo e a saúde pública*. 2. Ed. Campinas: Papyrus, 1987.

²⁵ EDLER, Flávio Coelho. *Op Sit*.

²⁶ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Nas trincheiras da Cura: as diferentes Medicinas no Rio de Janeiro imperial*. Campinas: UNICAMP, 1995.

²⁷ BRITTO, Nara. *Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira*. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 1995.

produzida após a morte do cientista, em 1917, por seu círculo médico próximo, um conjunto de testemunhos que cristalizaram determinadas imagens associadas à figura do sanitarista. Sua abordagem nos ajuda a entender como se instalaram os projetos de saneamento urbano e rural no país. Põe em evidência a disputa por um espaço simbólico de poder, relativo à conquista de legitimidade científica e autoridade para a classe médica nas primeiras décadas do século XX.

Também o trabalho de Beatriz Teixeira Weber *As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-grandense*²⁸, de 1999, merece destaque nesta análise. Elegendo como espaço de pesquisa a sociedade sul-rio-grandense na passagem do século XIX para o XX, a autora examina aspectos variados e interligados que caracterizariam a história do saber médico nesta região. Dentre eles, podemos citar as diferentes práticas de cura a que recorria sua população, a luta pela constituição de um campo profissional pelos médicos diplomados, as interferências que a ideologia positivista exerceu no reconhecimento da profissão. O papel da religião, da caridade e da magia na percepção da doença pelos leigos e sua interferência na posição que era assumida pelos médicos diante das mesmas. Sua análise aponta para uma realidade na qual práticas, saberes e crenças, diversos em seus fundamentos e procedimentos, partilhavam de forma algumas vezes conflituosa outras vezes harmoniosa um mesmo espaço de ação.

Outra obra de destaque é a de Ana Paula Vosne: *A Medicina da mulher: visões do corpo feminino na constituição da Obstetrícia e da Ginecologia no século XIX*²⁹, de 2000. A autora traz como pontos de partida o estudo da formação de um discurso científico sobre a diferença sexual e a constituição da ginecologia e da obstetrícia como especialidades médicas na Europa e no Brasil. Buscando compreender como a “ciência sexual” e a “medicina da mulher” foram forças centrais na construção e legitimação do imaginário moderno da diferença radical entre homens e mulheres, ou mais exatamente, da alteridade feminina radicada inexoravelmente em seu corpo.

Aqui nos cabe destacar o segundo e o quarto capítulos da obra que tratam especificamente dos partos e da relação dos médicos com as parteiras leigas. O Segundo capítulo intitulado *A Ciência Obstétrica*, trata dos processos de constituição da obstetrícia como conhecimento prático e disciplinar no século XIX, e do crescente papel político e moral que os médicos adquiriram na construção da nova ordem social. Analisa-se a transformação histórica do parto de um evento social ligado ao cotidiano feminino em um evento médico e hospitalar, envolvendo disputas entre os saberes médico-científicos e os saberes tradicionais a

²⁸ WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar*. Santa Maria: EDUSC. 1999.

²⁹ MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino: A Medicina da Mulher nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

respeito da gestação e do parto e, claro, interações, conflitos e negociações entre médicos e parteiras. *A Obstetrícia e a Ginecologia no Brasil* é o título do quarto capítulo que trata de compreender como médicos brasileiros se engajaram nas discussões sobre a diferença feminina e como a obstetrícia e a ginecologia se organizaram em nosso país.

É ainda importante destacar a obra de Lizete Oliveira Kummer de 2002. Seu trabalho analisa o posicionamento dos médicos gaúchos frente ao princípio da liberdade profissional que vigorava no Rio Grande do Sul durante a Primeira República. Para tanto, a autora acompanha a produção intelectual, expressa em conferências e artigos publicados na imprensa especializada, de um grupo de médicos ligados à Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Assim expostas as principais questões, resta-nos dizer que este trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro tratará das relações sociais de Mário Totta, seu envolvimento no *Correio do Povo* e suas relações políticas, buscando compreender como estas relações o ajudaram a encontrar legitimidade como médico frente às pessoas que atendia e a seus pares.

O segundo versa sobre a inserção de Totta em um contexto de medicina social e sua participação na luta pelo fim da liberdade profissional e regulamentação da medicina.. O terceiro capítulo trata sobre a relação dos médicos com as parteiras curiosas e formadas, a criação do Curso de Partos, a associação das parteiras com abortos criminosos e como todos estes fatores cooperaram para que os médicos se estabelecessem neste campo.

1-Mário Totta: Relações sociais e políticas

Nascido em 05 de Janeiro de 1874, Mário Totta era filho de Augusto Rodrigues Totta e Emilia Ribeiro. Quando jovem, trabalhou no *Jornal do Comércio* e foi co-fundador do *Correio do Povo* em 1895. Recebeu do governo de Borges de Medeiros, o cargo de Secretário-geral da instrução pública em 1898. Ingressando na faculdade, formou-se farmacêutico em 1900. Coursou um ano de Engenharia em 1901, ingressando logo após no curso de medicina da Faculdade de Porto Alegre no qual formou-se na primeira turma, da qual foi também orador. Foi médico adjunto da Santa Casa de Misericórdia e um dos fundadores do sindicato médico. Também foi presidente da Associação Porto-Alegrense de Desportos e do Esporte Clube Cruzeiro. Em 1940, ajudou a reorganizar a estrutura da maternidade da Santa Casa que até hoje carrega o seu nome.

Mário Totta foi muito respeitado e obteve grande reconhecimento de seus pares, inclusive na luta pela legalização da medicina. Mas em uma conjuntura histórica dada em que o positivismo era reinante no Rio Grande do Sul e a liberdade profissional era incentivada, como foi possível tornar-se este médico? E ainda, como foi possível ser respeitado e reconhecido pela sociedade como a melhor alternativa em detrimento da medicina leiga, em especial das parteiras?

Apresentar todas estas informações acerca do personagem em questão tem o propósito de demonstrar o quanto uma trajetória de vida pode ser complexa. Vivemos diferentes grupos e situações, somos muitos em muitas percepções. Assim para que possamos lançar alguma luz sobre as questões propostas não basta analisar a trajetória de Mário Totta no âmbito da Medicina, é preciso compreender de que recursos ele pode se valer para chegar a ser um médico reconhecido como referência à seus pares e à sociedade. Neste capítulo analisaremos estes recursos, bem como todos os fatores sociais que contribuíram para seu sucesso posterior como médico.

1.1- Da Infância ao Correio do Povo

Em um primeiro momento vamos nos debruçar sobre suas relações sociais. Em suas memórias, Totta alega ter pertencido a uma família de poucas posses:

“Uma feita, porém, um indivíduo, na falta de outro assunto, procurou embrulhar a tradição, alvitando que a vida principia aos quarenta; eu entendo que a vida começa quando a gente começa a lhe sentir o peso. Eu comecei a sentir o peso aos quatorze anos. Meu pai era pobre. A Livraria era rica. Rica principalmente de sujeira. Acutilado pelas duas pontas de lança - pobreza de um lado e lixo do outro - varri que não foi graça!”³⁰

Nesta passagem ele relata seu trabalho na Livraria Americana onde começou a trabalhar aos quatorze anos como caixeiro. O mesmo considera Aloysio Achutti em sua biografia sobre o citado médico, onde diz que “Mário Totta iniciou sua vida modestamente”³¹. No entanto ambos os relatos transparecem que talvez a família Totta não fosse tão humilde assim. Mário Totta vem de uma família de educadores, segundo seu próprio relato:

“Como toda gente sabe, descendo em linha reta e legítima de de uma família de educacionistas. Meus avós maternos – José Ribeiro de Andrade e Silva e Emilia Gonçalves de Mesquita Ribeiro – fundaram e a primor dirigiram o maior e mais conceituado estabelecimento de ensino daquela época, o Colégio Minerva, padrão no gênero e verdadeira oficina de cultura na Província de São Pedro. Meu tio Hilário Ribeiro, irmão de minha mãe, foi o autor dos livros didáticos que lograram peregrino êxito e que até hoje, mau-grado a renovação dos métodos pedagógicos, ainda continuam ensinando o alfabeto em alguns Estados do Brasil. Meu pai, Augusto Totta, da velha e luzida guarda do Partenon Literário, também abriu e manteve durante anos um curso noturno de primeiras letras.”³²

Assim, mesmo que a família não tivesse muitos bens materiais, ou não pertencesse à elite econômica da época, possuíam certa colocação social. Eram educadores, e, sobretudo, eram pessoas instruídas (fato incomum aos menos favorecidos no século XIX) que provavelmente mantinham relações sociais com outras pessoas também instruídas da época. Assim, embora Mário Totta não fosse favorecido em bens materiais (não temos certeza de que não o era), seria em educação. Relata Achutti em sua obra:

“O Dr. Mário Totta iniciou sua vida modestamente, depois dos estudos primários, a partir de 1882, com apenas oito anos, com os professores

³⁰ Totta, Mário. Obras. Porto Alegre: Selbach, 1952. v.2.p.328

³¹ ACHUTTI, Aloysio. Cem anos de formação médica no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998. v. 1.P.71

³²Totta, Mário. Op Cit. pp.349, 350

Jenuíno dos Santos e, a seguir, Dona Maria das Dores. Seguiu, também os cursos do Colégio São Pedro, dos irmãos Castilhos, onde completou o curso secundário, os preparatórios fê-los com o Prof. Dr. Alfredo Clemente Pinto.”³³

Portanto, Totta teve acesso à educação desde muito jovem, o que lhe proporcionou instrumentos para que se tornasse um escritor e orador reconhecido por seus pares como o melhor dentre eles. Também as relações sociais de sua família lhe valeram. Através delas conseguiu, por exemplo, o emprego na Livraria Americana como caixeiro, conforme já mencionado anteriormente. Foi através desta Livraria que ele publicou seu primeiro poema em 1892. Depois disto, engajou-se na imprensa, publicando no *Jornal do Comércio*, o que lhe valeu importantes contatos sociais. Segundo Achutti: “Trabalhava, na época, nesse órgão de imprensa o moço Caldas Júnior, casado com uma filha do diretor do jornal, ao qual Mário Totta logo se ligou por estreitos laços de amizade.”³⁴

Foi através da amizade com Caldas Júnior que Mário Totta foi convidado à fundar um novo jornal: o *Correio do Povo*, em 1 de Outubro de 1895. Conforme o relato de Achutti, Caldas Júnior teria deixado o *Jornal do Comércio* por divergências com o sogro, levando consigo Mário Totta e Paulinho de Azurenha. Quanto a fundação do jornal, Totta comenta em suas memórias:

“Quando fundamos o ‘Correio do Povo’, naquele ano da graça de 1895, esta folha se viu, desde os primeiros dias, transformada em verdadeira colméia, tal o enxame de amigos, de admiradores e de simpatizantes, todos ansiosos por prestarem serviços. O Caldas, com aquela argúcia que trouxe do berço e aquele tino de homem que se fez nas lides jornalísticas, pode, de pronto e com mão firme, separar o joio do trigo: abriu largamente os braços aos elementos bons, aos capazes de produzirem o mel, e deu sumiço, não se sabe até hoje de que jeito, aos que como aquelas decantadas peninhas, só serviam para atrapalhar.”³⁵

Conforme o relato acima, percebemos que nem todos os “amigos e admiradores” conseguiram entrar no jornal. Apenas manter o vínculo social não era o suficiente. Certamente Caldas Junior não convidou para seu jornal Mário Totta e Paulinho de Azurenha apenas pela amizade que mantinham, mas também por sua habilidade enquanto escritores. Mário Totta manteve-se em contato com o *Correio do Povo* até a sua morte. Depois de formar-se médico, ali publicava uma coluna dando “dicas de saúde” para a população³⁶. O jornal lhe conferiu uma grande visibilidade tanto entre seus posteriores pares médicos, quanto entre a população que tinha acesso ao jornal.

³³ ACHUTTI, Op Cit, p.71

³⁴ ACHUTTI, Op Cit, p.71

³⁵ TOTTA, Mário. Op Cit p. 344

³⁶ Ver capítulo 2.

Foi também através do *Correio do Povo* que em 1911 foi criado por Totta o “Natal da Criança Pobre”. Em uma carta datada de 17 de Dezembro de 1910 destinada à Caldas Junior, ele solicita a ajuda do *Correio do Povo* para concretizar sua idéia de em todos os natais presentear as crianças pobres ou doentes:

“O nosso intento se resume nisto: dar aos pequeninos pobres uma lembrança de Natal, ir aos hospitais, aos asilos, aos orfanatos e distribuir depois, em plena praça, os brinquedos que podermos conseguir...Tu, de certo com o teu Correio que tem sido sempre uma consoladora urna de piedade, nos ajudarás. De resto que coração de mãe ou de pai, nos relegará uma esmola? Do teu como sempre Mário Totta.”³⁷

De fato, no ano seguinte ao da carta o primeiro “Natal da criança pobre” foi realizado, tornando-se uma “tradição” que continuou por muitos anos até após a morte de mentor. Em outra carta esta aberta e publicada no *Correio do Povo*, Totta pede ajuda para conseguir cobertores aos desabrigados:

“Ó criaturas que adormeceis tranquilamente sob a doce quentura dos cobertores, há desamparados que passam as noites de pé, por falta de agasalho! Ó mães que tendes filhos pequeninos, quando lhes fordes dar o beijo de boa noite, invocando Jesus à sua guarda, lembrai-vos de que, neste mundo de Deus, há crianças desgraçadas que passam as noites chorando de frio. E mandai uma esmola, por pequena que seja. Deus vos amará redobradamente e sorrirá com mais doçura à cabeceira de vossos filhos.”³⁸

Nota-se aqui um tom de súplica no discurso extremamente adequado de seu autor, que sabia exatamente à que público estava se reportando e como deveria ser escrita esta carta de modo a convencer os leitores à doação. Este fato nos aponta dois aspectos. O primeiro é a visibilidade do jornal na sociedade da época, que de fato contribuiu para a realização dos eventos. O segundo é a visibilidade do próprio Mário Totta, enquanto médico que já era, visto que formou-se em medicina no ano de 1904. Este é um médico que inspiraria confiança, pois preocupa-se com as crianças doentes e os desabrigados e certamente mereceria um maior reconhecimento da população.

O que podemos afirmar é que este fato gerou visibilidade perante a população favorecida e àqueles que cooperaram com as doações e viram os resultados destas campanhas. Com certeza Totta tornou-se mais conhecido e apreciado após esta atitude, o que reflete diretamente em sua aceitação como bom médico, assim como em suas publicações como redator do referido jornal, visto que esta (a visibilidade) é uma via de mão dupla.

³⁷ TOTTA, Mário. Op Cit, p.257

³⁸ TOTTA, Mário. Op Cit p.264

1.2-Relações políticas

No campo político, Mário Totta estabeleceu relações com o governo positivista. Embora pareça um paradoxo, um homem que lutou pela regulamentação da medicina associar-se a um governo que defendia a liberdade profissional, é preciso compreender a grande mudança conjuntural que se processava entre o final do século XIX e o início do século XX. Sobre a participação de Totta na política, nos relata Achutti:

“Embora não fosse político militante, sempre se dedicara à política de Júlio de Castilhos, o que lhe valeu, com a assunção ao governo do Estado pelo Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros (25 de Janeiro de 1898), a nomeação para Secretário Geral da Instrução Pública, que exerceu durante algum tempo enquanto estudava Farmácia.”

Não foi possível encontrar fontes que explicitassem melhor como se estabeleceram estas relações políticas. Em sua autobiografia Totta não relata participação política explícita alguma. Claro que ao escrevê-la ele tinha a intenção de posteriormente publicá-la e, portanto, talvez não fosse de seu interesse que essas relações aparecessem. Outros médicos, inclusive fundadores da Faculdade de Medicina de Porto Alegre, foram partidários de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros. Protásio Alves, escolhido como primeiro diretor da referida Faculdade, foi ativo membro do PRR. Segundo Maria de Nazareth Hassen:

“Se as vozes médicas dentro do próprio partido começaram a se elevar contra este estado de coisas, certamente a elas não estava surdo Júlio de Castilhos. Natural, pois, que fosse simpático à criação de uma faculdade de medicina no Estado, além do que ela não deixava de se inserir nos cânones positivistas: era iniciativa de particulares e assim seguiu até 1931. A posição do positivismo era clara em relação ao ensino superior: ele não podia ser oficial, isto é, não podia ser patrocinado pelo poder público... Até mesmo Protásio Alves, fundador da Faculdade de Medicina, que exerceu o cargo dos positivistas, defendeu o preceito da liberdade profissional.”³⁹

Importante considerar que Protásio Alves vivenciou os momentos iniciais da Faculdade de Medicina, foi seu primeiro diretor, enquanto Mário Totta foi aluno da primeira turma do curso. Portanto existe aí uma diferença de tempo importante (sobretudo tratando-se do início do século XX e seus tantos conflitos) quando os médicos efetivamente organizaram-se em um sindicato e lutaram pela regulamentação da profissão.⁴⁰ E quando realmente foi

³⁹ HASSEN, Maria Nazareth Agra. Fogos de Bengala no céu de Porto Alegre: A Faculdade de Medicina faz 100 anos. Porto Alegre: Tomo editorial, 1998.p.

⁴⁰ Ver Capítulo 2

regulamentada a medicina, em 1932, o Rio Grande do Sul e o Brasil já se encontravam em outra conjuntura política, muito diferente daquela do final do século XIX. A luta pela regulamentação parece crescer à medida que o governo positivista de Júlio de Castilhos e depois de Borges de Medeiros declina.

Segundo Beatriz Weber, os fundadores da Faculdade foram os mesmos que em 1892, fundaram a Sociedade de Medicina de Porto Alegre. Somando-se ao nome de Protásio Alves os de Sebastião Leão, Vitor de Brito, João Adolfo Josetti, Rodrigo de Azambuja Villanova e Carlos Frederico Nabuco. Os mesmos alternam-se na presidência da entidade, acrescentando-se os nomes de Olinto de Oliveira, Jacinto Gomes, Heitor Annes Dias, Octávio de Souza, Florêncio Ygartua, Hugo Ribeiro e Mário Totta, que estava, portanto, compondo este grupo destacado de médicos⁴¹.

Assim, estaria aqui formada uma complexa rede de relações sociais, na qual Totta estava claramente incluído. Além do cargo político que exerceu durante o governo de Borges de Medeiros, ele relata em sua autobiografia ter sido muito próximo de Sebastião Leão, que escrevia uma coluna no Correio do Povo, antes mesmo de optar pela medicina, e diz ainda que mantinha por este médico grande admiração⁴².

Muitas mudanças ocorreram no turbulento início do século XX, e todas elas afetaram a Medicina e como as pessoas se relacionavam com ela. A primeira metade do século XX foi pontilhada por grandes conflitos mundiais e nacionais. A Primeira Guerra Mundial, de 1914 à 1918, marcou profundamente a sociedade, não só na Europa mas também no Brasil. No Rio Grande do Sul os médicos preparavam-se para embarcar para a guerra e o discurso de despedida foi feito por Mário Totta:

“Nunca a esmeralda médica luziu com tão formosas cintilações, brilhou com tão intenso fulgor, nem dela irradiou maior bem sobre a terra, do que nesta hora trágica em que o universo assiste à luta gigantesca da Liberdade contra a opressão, da bondade contra a malvadez, da inteligência contra a brutalidade, da civilização contra a barbárie, do bem contra o mal, de Satanás contra Deus!

E se é belo, na vossa obscura vida profissional, sarar, entre quatro paredes silenciosas, um homem que é o esteio de uma família e a parcela de uma sociedade, é simplesmente sublime sarar num hospital de sangue, sob a saraivada da metralha, um soldado da Liberdade, que é uma coluna da civilização e o esteio do mundo.”⁴³

No âmbito nacional, em 1930 estoura uma Revolução. Aglutinando facções até então inimigas no Estado, Getúlio Vargas encabeçara a Frente Única, concorrendo à eleição à

⁴¹ WEBER, Beatriz Teixeira. Op Cit. p. 102

⁴² TOTTA, Mário. Op Cit p.344

⁴³ TOTTA, Mário. Op Cit. p.163

presidência da República pela Aliança Liberal, mas sendo derrotado pelo candidato paulista Júlio Prestes. Em Julho de 1930, um fato precipita os acontecimentos. O assassinato do candidato à vice na chapa de Getúlio, João Pessoa, apressa o movimento que ficou conhecido como Revolução de 30. Em 3 de outubro, a Revolução é deflagrada em vários estados do país.

Professores e estudantes da Faculdade de Medicina engajaram-se nos serviços médicos revolucionários, alguns deles instalando-se a oito quilômetros de distância de Itararé, onde se encontravam as forças oponentes. Dividiram-se os acadêmicos por Jaguaraíva, um pouco mais recuada, Paranapanema, Castro, Ponta Grossa, Curitiba e Passo Fundo. Em Jaguaraíva, Paraná, onde os serviços de cirurgia ficaram sob a direção de Elyseu Paglioli, foram praticadas intervenções de alta cirurgia, como laparotomias⁴⁴, craniotomias⁴⁵ e cirurgias de medula. Recebeu menção especial um procedimento de esplenectomia⁴⁶ praticada por Wallau em um caso de ferimento grave do baço com grande hemorragia interna⁴⁷.

No mesmo local, Saint Pastous instalou o primeiro hospital de sangue e, em telegrama a Oswaldo Aranha, em 16 de outubro, dizia: “Estamos maravilhados grandioso movimento cívico Paraná só comparável bravura filhos Rio Grande.”⁴⁸

Para Passo Fundo, partia outra missão de médicos visando instalar o Hospital Central para atender as forças em operações de diversas zonas. “Grande número de pessoas de todas as classes sociais compareceu à Viação Férrea, a fim de levar suas despedidas aos médicos e acadêmicos que daqui partiram.”⁴⁹ Heitor Annes Dias chefiava esta missão.

Uma notícia do Correio do Povo de novembro de 1930 trazia o seguinte:

“Iniciadas, a 3 de outubro, as hostilidades militares do Rio Grande do Sul contra o Faccioso governo da República, foram mobilizados, juntamente com as forças militares diversos contingentes de médicos e acadêmicos de medicina, que iam prestar seus serviços profissionais junto às linhas de frente.

As equipes médicas foram organizadas rapidamente e seguiram, logo, para o campo da luta. O principal hospital de sangue, aquele que esteve com maior contacto com a frente paulista, foi o localizado na cidade de Jaguariahyva e que ficou a cargo dos seguintes facultativos, todos residentes nesta capital: Chefe, major Dr. Eliseu Paglioli; capitães Drs. Coelho Borges e Ernesto Di Primio Beck; tenentes, Telêmaco Pires, Baptista Hoffmeister, J. C. Cappearri e Silveira Netto.”⁵⁰

⁴⁴ Cirurgia exploratória do abdômem.

⁴⁵ Cirurgia de abertura do crânio, provavelmente por hemorragia.

⁴⁶ Cirurgia de retirada do baço.

⁴⁷ A Assistência aos feridos na revolução. Diário de notícias. 07 de novembro de 1930.

⁴⁸ Informações dirigidas ao Presidente do Estado. Correio do Povo. 17 de outubro de 1930.

⁴⁹ Os Médicos que partiram. Correio do Povo. 18 de outubro de 1930.

⁵⁰ O Hospital de Sangue de Jaguariahyva. Correio do Povo. 7 de novembro de 1930

Mário Totta também esteve envolvido nos acontecimentos de 1930, embora não diretamente. Ele relata sobre a Revolução de 1930:

“Lá pelos fins de 1930, depois daquela viajada da qual na frase memorável de Flores da Cunha “ou se voltava com honra ou não se voltava mais”, desse inesquecível 1930 em que transmudamos, numa arrancada indômita, o panorama político-administrativo do Brasil levando de roldão as tropas governistas e pondo as mãos do Dr. Getúlio Vargas as rédeas da nação, acentuou-se – tinha de ser – a maior aspiração de todos nós os professores da Escola de Medicina e principalmente dos que, como eu, tinham tomado assento nas suas cátedras empós as agruras de um concurso: - a oficialização da Faculdade. Até então todas as tentativas nesse sentido haviam fracassado. Todo esforço ficara inútil nos seus desígnios.”⁵¹

É interessante ressaltarmos como ele relaciona a mudança na conjuntura política com a possibilidade de oficializar a Faculdade de Medicina. Ele claramente vê em Vargas esta possibilidade. E de fato o próprio Mário Totta viaja até o Rio de Janeiro e com a intermediação de Oswaldo Aranha consegue que Getúlio Vargas oficialize a Faculdade. Em seu relato ele conta que ao chegar ao Rio de Janeiro dirigiu-se a Oswaldo Aranha, que o encaminhou para Belisário Pena, então Ministro da Educação, que lhe negou o pedido de oficialização. Totta retorna então a Oswaldo Aranha que dá a seguinte ordem à Luiz Aranha: “Lulu, vai com Mário ao gabinete do Aloísio e diz-lhe que lavre hoje mesmo o decreto de oficialização da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.” Aloísio de Castro era o presidente do Conselho Nacional de Educação. Quando Mário volta a Oswaldo já com o decreto redigido este lhe diz: “Deixa-o aí, Mário que eu o levarei a Getúlio.”⁵²

Por intermédio de Oswaldo Aranha foi possível a oficialização da Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Este relato explicita claramente as relações estreitas de Mário Totta com importantes figuras políticas da época, como Oswaldo Aranha, por exemplo. Ele relata em sua autobiografia sua admiração pela atuação de Aranha durante a Revolução de 30, momento em que estiveram atuando juntos:

“A minha admiração por essa figura ímpar crescia de dia para dia e houve um momento em que o meu entusiasmo atingiu um grau supremo. Foi quando o Oswaldo Aranha, sob o ímpeto da sua energia indomável, redigiu dois telegramas, um para o Rio e outro para Ponta Grossa, telegramas que é pena não fiquem marmorizados porque em virtude deles é que se ganhou mais depressa a Revolução do Rio Grande e mais depressa se alicerçou a Revolução do Brasil.”⁵³

⁵¹ TOTTA, Mário. Op Cit .p.354

⁵² TOTTA, Mário. Op Cit p.358

⁵³ TOTTA, Mário. Op Cit. P.355

Mário Totta não revela como conheceu Oswaldo Aranha, mas o que transparece em seu relato é que já tiveram contatos anteriores a este, já que em outra passagem biográfica ele refere que tentou fazer parte, juntamente com seu filho, das tropas voluntárias que marchariam pela Revolução de 30 e Oswaldo Aranha, quando soube, o impediu, justificando que precisava dele ao seu lado.⁵⁴ Essas relações, segundo suas memórias, lhe valem os “louros” pela oficialização da Faculdade de Medicina, fato muito comemorado em seu retorno:

“Depois... a chegada a Porto Alegre. Recepção na Escola. Banquete no Clube do Comércio. Saudação da Congregação da Faculdade pela palavra esmaltada e egrégia de Fábio de Barros. O meu agradecimento.”⁵⁵

Sobre a Revolução de 30, Totta demonstra todo seu apoio à causa de Getúlio Vargas, inclusive apresentando-se no Quartel General para marchar com as tropas, conforme citado anteriormente. Além disso, Getúlio já era um antigo conhecido seu. Mário Totta, por ter a eloquência reconhecida entre seus pares, foi escolhido pela “Congregação Médica”⁵⁶ para ser o seu representante perante Getúlio Vargas, quando pretendiam pedir equiparação dos vencimentos com as outras Faculdades oficializadas do país, a do Rio e da Bahia. Ele relata o acontecimento da seguinte forma:

“Ia eu iniciar a arenga quando o Presidente contou a dedicação com que eu o tratei quando ele era acadêmico de Direito e certa vez enferrou. Com tal intróito, fiquei à vontade, e soltei a língua. Desde aquele dia o Alberto de Souza por toda a parte proclama, alto e bom som, que fui de uma eloquência arrebatadora quando historiei a vida da Faculdade, expondo a extensa e edificante folha de tropeços e sacrifícios da Escola e o devotamento dos seus primeiros professores. Principalmente quando dissertei sobre o estado daqueles velhos lutadores que deram em prol do ensino, todas as suas energias e agora se achavam inválidos – diz o Alberto - a minha palavra tomou acentos tão comoventes que o Getúlio ficou com os olhos razos d’água. Não me envaideço com a opinião do querido colega: acho que houve apenas um erro de visão; quem chorava não era o Getúlio, era eu.”⁵⁷

Tratam-se de memórias feitas por ele com o intuito de publicá-las posteriormente, portanto seria interessante demonstrar sua eloquência capaz de comover até mesmo Getúlio Vargas. Além disso, esse relato revela novamente as relações sociais de Mário Totta, envolvendo os dirigentes do País, o agradecimento de Getúlio à ele como seu médico demonstra isso, e mais dá-nos a idéia de que estas relações já vem de tempos anteriores. O

⁵⁴ TOTTA, Mário. Op. Cit. p.355

⁵⁵ TOTTA, Mário. Op. Cit p.359

⁵⁶ Congregação da Faculdade de Medicina de Porto Alegre

⁵⁷ TOTTA, Mário. Op. Cit p. 361

fato de Totta ser escolhido para falar com Getúlio já nos sugere que seus pares sabiam de seu reconhecimento perante o presidente. E também ressalta seu prestígio enquanto médico, pois se até Getúlio Vargas o agradecia pelos cuidados, certamente poderíamos esperar que as pessoas comuns fizessem o mesmo.

1.3-Do futebol ao carnaval.

Além dessas atividades Mário Totta também mantinha outras muitas, com as quais tornou-se conhecido. Segundo Achutti:

“Sua vida agitada e movimentada era sempre orientada para a melhoria social. Em 1918, a despeito de inúmeras atribuições, foi eleito e aceitou a presidência da Associação Porto-Alegrense de Desportos, e no ano seguinte fundava a Sociedade Cultural e Bailante Jocotó da qual foi presidente até 1927, ao mesmo tempo que exercia a presidência do Esporte Clube Cruzeiro.”⁵⁸

Por todas essas atividades Mario Totta tornou-se uma figura conhecida na sociedade Porto-Alegrense e certamente essa visibilidade social lhe conferiu também maior credibilidade ao exercer a medicina. O próprio relato de Achutti ressalta o quanto Mário Totta era solicitado, fosse socialmente, ou profissionalmente, como médico:

“Em toda parte, via-se a personalidade calma e serena de Mário Totta, sempre reclamada e solicitada, em salões sociais, em sociedades desportivas, em campos de futebol, em conferências, assistindo ou realizando, em exposições, na imprensa com artigos seguidos, conselhos médicos, poesias e crônicas.”⁵⁹

Essa intensa vida social lhe valeu contatos importantes e reconhecimento. O fato de ser visto o tempo todo na sociedade em diferentes atividades, também parece corroborar para estas conclusões. Além disso, Mário Totta também era, segundo seu próprio relato, excelente orador. Foi ele o orador escolhido em sua turma da Faculdade de Medicina para a formatura, na qual fez “inflamado” discurso:

“E assim jurando, cumprindo a última das formalidades requeridas, nós atingimos, vibrando de felicidade, o topo da sagrada montanha para onde

⁵⁸ ACHUTTI, Aloysio. Op Cit. p.73

⁵⁹ ACHUTTI, Aloysio. Op Cit. p.73

nossos olhos ávidos sempre se volviam, dia e noite, numa esperança de obstinados, por toda essa longa peregrinação de seis anos.”⁶⁰

Este é um trecho do discurso preparado por ele para a formatura. Um entre muitos que constam na publicação.

Depois desta explanação, acerca da trajetória de Mário Totta podemos concluir que seu sucesso enquanto médico estava diretamente ligado às relações sociais que estabeleceu, à sua visibilidade na sociedade, fosse através do *Correio do Povo*, de campanhas como o “Natal da Criança Pobre”, de cargos públicos ou em reuniões sociais e partidas de futebol. Mário Totta era conhecido da sociedade de Porto Alegre, e sendo assim era também mais fácil creditá-lo como médico, bem como em suas outras atividades, visto que a própria atividade médica o creditava perante a “boa sociedade”.

⁶⁰ TOTTA, Mário. Op Cit. p.156

2-Medicina Social e a luta pela Regulamentação da Medicina

A medicina no Brasil, no final do século XIX, está muito ligada à idéia de medicina social derivada do modelo inglês. Segundo Kummer, “A medicina social inglesa é essencialmente um controle da saúde e do corpo das classes mais pobres para torná-las mais aptas ao trabalho e menos perigosas às classes mais ricas”⁶¹. Os médicos atuantes neste período preocupavam-se com a higiene, medidas sanitárias e prevenção de doenças contagiosas. E mais que isso, acreditavam-se responsáveis pelo bem estar da sociedade através da saúde pública.

A maior parte da discussão do período referia-se à higiene pública. Nessa visão, o indivíduo seria um componente do meio externo que estaria favorecendo a propagação dos agentes causadores de doenças. As ações sanitárias visavam a livrar os indivíduos saudáveis do contato com os doentes e livrar os doentes dos agentes causadores. O desenvolvimento da saúde pública partiu da Inglaterra porque a Revolução Industrial e os seus efeitos sobre a saúde apareceram primeiro neste país.

O aumento das doenças transmissíveis nas cidades inglesas, especialmente as epidemias de cólera de 1831 e 1832, também chamou a atenção para as condições sanitárias urbanas. As áreas mais pobres eram as que registravam um maior número de casos, mas a doença não se limitava às classes mais baixas. Portanto, tornava-se cada vez mais evidente que as epidemias eram um problema de todos.⁶²

Uma figura de destaque na comissão encarregada do relatório que originou a reforma na Lei dos Pobres⁶³ foi Edwin Chadwick. Considerado um dos pioneiros da saúde pública, sua investigação sobre as condições sanitárias dos trabalhadores ingleses demonstrou as relações entre a pobreza e a insalubridade. A partir dos estudos de Chadwick, a Comissão da Lei dos Pobres concluiu, em 1838, que o montante de despesas para tomar e manter medidas de prevenção seria menor que o custo do tratamento das doenças. O desenvolvimento da saúde pública, portanto, foi impulsionado pelo reconhecimento dos custos econômicos e sociais do adoecer.

⁶¹ KUMMER, Lizete.Op. Cit. p.14

⁶² KUMMER, Lizete.Op.Cit. p.18

⁶³ Essa Lei existiu na Inglaterra desde aproximadamente 1600. Era um sistema de assistência, onde os impostos recolhidos pelas freguesias serviam para prestar caridade aos pobres.

Assim, era melhor investir na prevenção e na remodelação dos espaços insalubres para evitar a propagação de agentes causadores de moléstias. Esta foi a justificativa, por exemplo, da reestruturação das cidades neste período. Conforme Chalhoub, no Rio de Janeiro, o processo assumiu contornos violentos, com a derrubada dos cortiços e a remodelação da área central da cidade, no início do século XX.⁶⁴

Quanto ao Rio Grande do Sul, na prática seus dirigentes adotaram medidas que objetivavam isolar os doentes de moléstias contagiosas em lazaretos⁶⁵, especialmente construídos, ou em barcos; desinfetar os lugares que tivessem sido freqüentados por doentes e evitar o acúmulo de lixo. Os médicos deste período consideravam, também ser de sua competência a educação da população para promover a saúde adotando medidas por eles, detentores do saber científico, estabelecidas. Beatriz Weber acredita também que deve ter havido uma tentativa dos médicos de se fazerem presentes como grupo com maior autoridade para a aplicação das medidas sanitárias, com a exigência da habilitação científica para ocupação dos cargos mais importantes da Diretoria de Higiene do Estado.⁶⁶

Dentro dessa conjuntura formou-se médico Mário Totta. Como tal, ele adotou também uma postura condizente com a medicina social. Publicou dois livros que eram verdadeiros manuais para promover a educação da população, também escrevia sua coluna sobre saúde para o *Correio do Povo*⁶⁷.

Seus dois livros datam de 1939. *O Médico em Casa e Medicina em Pílulas: Breviário da Saúde*. O primeiro reúne, sob a forma de livro, conselhos esparsamente publicados no *Correio do Povo* ao longo de alguns anos. Na sua breve introdução Totta sugere que pela forma simples e acessível, lá estará o Médico, em cada casa, lado a lado com um Chernoviz⁶⁸, “venerando tratado que foi inquilino indefectível de todas as estantes de Jacarandá.”

O segundo consistia num manual menos extenso, curiosamente publicado no mesmo ano de 1939. Há muitas semelhanças entre os dois livros, particularmente quanto aos temas e conselhos, embora a linguagem, alguns assuntos e extensão do texto difiram significativamente. É como se o breviário fosse uma espécie de tradução ou simplificação do outro livro em linguagem ainda mais acessível e de manuseio mais didático.

⁶⁴ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. pp.22-23.

⁶⁵ O mesmo que leprosários. Lugar para onde deveriam ir os doentes de lepra.

⁶⁶ WEBER, Beatriz. Op.Cit.p.51

⁶⁷ Ver Cap.1

⁶⁸ O médico Pedro Luiz Napoleão Czerniewisc, conhecido como Chernoviz, nasceu na polônia em 1812. Em 1840 mudou-se para o Brasil. Foi admitido na academia Imperial de Medicina, exercendo sua função no país durante quinze anos, regressando à Europa em 1855. Em 1841 foi publicada a primeira edição de seu *Formulário e Guia Médico* tendo obtido popularidade ao preencher lacuna da literatura médica no Brasil.

Direcionados ao público em geral, eram textos fluídos para serem compreendidos por diferentes idades, graus de instrução e gêneros. Especialmente no Medicina em Pílulas encontramos sugestões de práticas vinculadas a procedimentos individuais, assim também a tessitura do texto remete à um processo individualizado de compreensão e reflexão. Os livros não possuem imagens ilustrativas, à exceção da imagem de capa do Médico em Casa e de uma única imagem de um esqueleto humano no Medicina em Pílulas.

Na introdução se esboça a conversa direta com o leitor, espécie de interlocução onde abunda o tom imperativo: pensa, repara, segue, toma juízo, que se somam a uma série de normatizações. Todo Breviário está composto por pequenos tópicos prescritivos: fazer, não fazer, evitar, ocupar-se consigo, aconselhar-se com seu médico. Há um empenho do autor em fazer-se compreender e em exprimir uma orientação que julga legítima.

Dentro de um contexto de promoção da Medicina Social este tipo de publicação aproxima mais o “Dr. Totta” dos seus leitores e possíveis clientes. Aumenta o reconhecimento por seus “sábios conselhos”, e lhe confere maior visibilidade perante a sociedade.

Outro ponto a ser analisado é a questão da luta pela regulamentação do exercício da medicina, que também não pode ser dissociada da medicina social. Conforme já citado anteriormente provavelmente os médicos consideravam-se os únicos aptos a promover as medidas sanitárias e a educação para a saúde. Fatos que levaram a uma união da categoria em torno da luta pelo fim da liberdade profissional no exercício da medicina.

O ano de 1928 foi fundamental neste sentido. Neste ano Getúlio Vargas tomou posse da presidência do Estado, modificando aos poucos as idéias de liberdade profissional mantidas pelos governos positivistas anteriores. Vargas buscou uma aproximação com a categoria médica. Em Junho de 1928, a Sociedade de Medicina realizou uma sessão solene para entregar o título de sócio honorário ao Dr. Belisário Penna, que havia sido convidado pelo governo do Estado para presidir a campanha de educação sanitária. Compareceram à sessão o presidente do Estado, Getúlio Vargas, os secretários do Interior e de Obras Públicas, representantes da Faculdade de Medicina, entre eles Mário Totta, e outras autoridades.⁶⁹

Nesta ocasião discursou o Dr. Raul Bittencourt. Segundo Kummer:

“ No seu discurso encontramos os elementos mais marcantes da concepção que os médicos tinham da expressão “medicina social” e do seu papel na sociedade: a idéia de que a medicina tem a solução para os problemas do Brasil; a vinculaçõa entre o avanço da medicina e o progresso da nação; a ênfase na educação e, finalmente, o desejo de produzir uma medicina nacional.”⁷⁰

⁶⁹ Archivos Rio Grandenses de Medicina, ano VII, n.3, p.2-13, mar.1928

⁷⁰ KUMMER, Lisete. Op. Cit. p. 82

Destaca-se aqui a necessidade, de que o Brasil carece, de profissionais dedicados à medicina social. Mas não basta apenas reproduzir modelos estrangeiros, é preciso adaptá-los, de forma prática, às necessidades brasileiras.

Também discursou nesta ocasião o próprio Vargas, justificando sua presença no evento por dois motivos; primeiro juntar o governo à Sociedade de Medicina na homenagem prestada ao Dr. Belisário Penna. E em segundo lugar, demonstrar apreço do governo pela classe médica rio-grandense. Ele continua seu discurso da seguinte forma:

“Quanto mais tumultuosa a vida social, mais intensa é a influência do médico na sociedade. Influência que se nota, acompanhando a vida humana, desde o nascer até a ancianidade, ditando preceitos de higiene, medidas profiláticas e de saneamento. Este esforço tem sua larga e moral repercussão, de moral social e econômica, porque ela expressa a velha máxima “mens sana in corpore sano” porque procura pela higiene, pelo saneamento, valorizar o capital humano que existe em cada um de nós, aumentando a capacidade intelectual e material de cada um.”⁷¹

Na fala de Getúlio Vargas percebemos a referência aos mesmos elementos que aparecem na fala de Belisário Penna e que fazem parte da medicina social. Também percebemos como o médico é colocado na posição de responsável pelo bem estar da sociedade.

No dia seguinte ao da sessão solene, a Sociedade de Medicina ofereceu um banquete em homenagem a Belisário Penna, ao qual compareceram o secretário do Interior, Oswaldo Aranha, e o diretor da faculdade de Medicina. Mário Totta estava presente e discursou em nome do corpo médico juntamente com Victor Russomano e Raul Moreira.

Nestes discursos aparece um elemento novo, a eugenia. Segundo Maria Eunice Maciel: “A eugenia é um conjunto de idéias e práticas relativas a um ‘melhoramento da raça humana’ ou, como foi definida por seus seguidores, ao ‘aprimoramento da raça humana’ pela seleção dos genitores tendo como base o estudo da hereditariedade.”⁷²

Na verdade, as idéias de eugenia já estavam a muito presentes no meio científico. Conforme Beatriz Weber, o predomínio dessas perspectivas ocorreu a partir do final do ano de 1910, e parece ter influenciado escolas de Medicina muito importantes do país, como a da Bahia e do Rio de Janeiro. No Rio Grande do Sul, houve uma maior incidência de temas com base claramente eugenista nas teses da Faculdade de Medicina de Porto Alegre a partir da

⁷¹ Archivos Rio Grandenses de Medicina, ano VII, n.3 p.13

⁷² MACIEL, Maria Eunice. A eugenia no Brasil. Anos 90: revista do programa de pós-graduação em História, Porto Alegre, n.11, pp121-143, julho, 1999. p.121

década de 1910, quando se reduziram os temas de Medicina Social. A preocupação com a prevenção de doenças venéreas, da mortalidade infantil, a abordagem de doenças mentais, a educação como preventiva do alcoolismo e da tuberculose foram os temas mais abordados.⁷³

Mário Totta parece ser partidário das idéias de eugenia. Em seu discurso nesta ocasião ele elogia Belisário Penna por ser um eugenista, e ainda o eleva à categoria de “o grande educador”:

“Anchieta foi o cristianizador, tu o eugenista. Um poliu as almas, espelhou-as para que nelas se pudesse refletir toda a luz que vem do céu. O outro avigora o corpo, saneia-o, robustece-o para maior tesouro de seu país e glória maior de sua raça. Anchieta ajoelhou o Brasil, curvando-o à benção redentora da cruz; tu o soergues, aprumando-o para o esplendor flamejante da vida.”⁷⁴

É importante ainda salientarmos não apenas a condição provável de eugenista de Totta, assim como de seus pares presentes neste evento, mas o fato dele estar neste grupo de pessoas entre as quais estava presente o futuro dirigente do país, ao qual Totta já conhecia, conforme explicitado anteriormente.⁷⁵

⁷³ WEBER, Beatz Teixeira. Op. Cit. p.121

⁷⁴ Archivos Rio Grandenses de Medicina, ano VII, n.3.p.16

⁷⁵ Ver Capítulo 1

3-Médicos e Parteiras

Neste capítulo trataremos da relação dos médicos com as parteiras e, através da trajetória de Mário Totta, vamos perceber como foi possível aos médicos ocuparem um espaço à princípio apenas feminino, mudando completamente a natureza do parto: de uma função feminina para uma prática articulada com o saber científico.

As mulheres do campo, principalmente no período medieval, cuidavam da sua saúde com outras mulheres. No século XVI, em Portugal, os cirurgiões só intervinham quando havia necessidade de cirurgia porque era função das mulheres, as chamadas curiosas, a prática do parto natural. Curiosa era o nome popular e pejorativo desta mulher, só com a vontade de ajudar, valendo-se dos rituais que acompanhavam cada procedimento.⁷⁶

A passagem do século XIX para o século XX foi marcada, em várias partes do mundo, pelas mudanças de mentalidade, motivadas por diversos fatores, como a preocupação com a modernização e com a higienização das capitais na sua metamorfose para metrópoles, e pelo advento da Primeira Guerra Mundial, entre 1914 e 1918. A proclamação da República serviu como marco, no Brasil, a partir do qual o papel da mulher na órbita privada passou a ser mais reforçado.

O período após a Proclamação da República foi de intensa vigilância sobre o comportamento das mulheres, especialmente das pertencentes às camadas populares, das quais ficava difícil exigir apenas a restrição aos papéis de esposa, de mãe e de cuidadora do lar.⁷⁷ Aproximando-se de 70.000 habitantes, sob a influência das imigrações alemã e italiana, com uma industrialização incipiente, com o trabalho assalariado emergente, a cidade crescia. Já não era possível nesta passagem de século conviver com as magias, rezas e o “curandeirismo” que envolvia o nascimento. A modernidade chegava também a quem lidava de perto com o nascimento e a morte: a parteira.

Era preciso preparar as mulheres que lidavam com a vida, com a doença, com a fatalidade dentro do corpo, dentro do quarto, dentro da casa em cantos onde os homens não participavam.

⁷⁶ MAGALHÃES, Fernando. A obstetrícia no Brasil. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922.p.23

⁷⁷ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.p.304

3.1- Nasce o Curso de Partos

Assim, um grupo de médicos atuantes na Santa Casa de Misericórdia resolveu, sem o apoio oficial, criar um curso para aprimorar o ofício de partejar.

Segundo Singer, o código Penal Brasileiro de 1890 declarava crime contra a saúde pública o exercício da medicina sem estar habilitado. No entanto, no Rio Grande do Sul vigorava a completa liberdade profissional, posição defendida pelos positivistas liderados por Júlio de Castilhos. Daí a criação do curso sem o apoio oficial.⁷⁸

Os doutores do sexo masculino possuíam um monopólio da prática da medicina entre as classes altas, exceto obstetrícia, que continuou sendo área das parteiras, mesmo entre as classes altas. Segundo Beatriz Weber as mulheres eram atendidas em casa, ou na casa das parteiras. Seus problemas de saúde foram relegados a um espaço próprio, onde os médicos custaram a se envolver. As parteiras aprendiam pela prática, provavelmente com o contato com as parteiras mais velhas, que guardavam conhecimentos do funcionamento do corpo feminino que não eram muito comuns. As parteiras compartilhavam das vidas das mulheres que tratavam, resolvendo seus “incômodos”, guardando seus segredos e mantendo com elas relações de amizade.⁷⁹

O papel da mulher na sociedade do início do século XX estava ainda em grande medida restrito ao âmbito privado, sendo que o espaço público era destinado ao sexo masculino. Assim era natural que essas mulheres tivessem seus filhos com uma parteira curiosa dentro de seu lar, ou na casa de “comadres” parteiras. Além disso, as profissões aconselháveis e apropriadas à mulher dentro da corrente de pensamento positivista, limitavam-se ainda ao magistério e à enfermagem, porque eram aliadas ao carinho, à sensibilidade, ao cuidado com o outro e ao instinto materno que todas as mulheres possuíam ou deveriam possuir. De algum modo, poder-se-ia dizer que os novos ofícios abertos às mulheres, neste início de século, levavam a dupla marca do modelo religioso e da metáfora materna: dedicação, disponibilidade, humildade, submissão, abnegação e sacrifício.⁸⁰

Era preciso, portanto, impor às parteiras normas de comportamento tendo em vista a defesa da saúde da população. Fundou-se, então, em 1897, o Curso de Partos na Santa Casa, com a duração de um ano, fruto da intenção de intervir no elemento mais frágil deste processo médico que precisava ser alterado: a parteira curiosa.

⁷⁸ SINGER, Paul. *Prevenir e Curar: o controle social através dos serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978. P.115

⁷⁹ WEBER, Beatriz. *As artes de curar: medicina, religião e positivismo na república rio-grandense*. pp. 195,195

⁸⁰ LOURO, Guacira Lopes. *Mulheres na sala de aula*. In: *História das mulheres no Brasil*. Op. Cit. p.454.

No Relatório da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, do dia 1 de Janeiro de 1898, consta o parecer sobre o Curso de Partos:

“Os ilustrados e provectoros facultativos Drs. Protásio Antônio Alves, Dioclécio Sertório Pereira da Silva, Carlos Frederico Nabuco e Sebastião Afonso de Leão, aos quais este Pio Estabelecimento deve assinalados serviços, tiveram a feliz inspiração de nele fundarem um curso livre de partos, com o fim de prepararem as senhoras que desejassem exercer a profissão de parteiras. A utilidade da medida é de fácil intuição. Cidade já assaz populosa, contendo não poucos arrabaldes com grande número de habitações, não conta entretanto com relativo pessoal habilitado para atender a todas as parturientes, resultando desta falta a perda de muitas mães de família, ou pelo menos, contrair-se enfermidades que passam a ser o tormento de uma curta existência. Logo que tive conhecimento de tão nobre iniciativa, não só permiti que o curso funcionasse no serviço de obstetrícia do hospital, como providenciei para que fossem fornecidos os móveis necessários e, completando o arsenal cirúrgico da enfermaria, autorizei a sua instalação no ensino. O curso foi inaugurado a 5 de abril com dez alunas, algumas das quais auxiliam no serviço daquela enfermaria.”⁸¹

Todos sabiam que as parteiras possuíam uma aprendizagem empírica e que no processo de institucionalização da medicina, este conhecimento foi absorvido pelas escolas de medicina, na forma de curso anexo como o da formação de farmacêuticos. A partir deste fato e deste curso, a arte de partejar passou a ser uma atividade subordinada e controlada pela medicina⁸²

Entretanto, a capital continuava mudando. Eclodiram as greves operárias, rebentava a Primeira Guerra Mundial, surgiam os bondes elétricos, apareciam os primeiros automóveis e as mulheres continuavam a parir, as crianças continuavam a nascer e as parteiras continuavam a trabalhar.

Era preciso aprimorar o curso de partos, aumentá-lo de um para dois anos e dar novas noções de higiene e de prevenção para as mulheres que continuavam neste ofício. Em 1919 foram alterados os estatutos da Faculdade de Medicina. Pela lei de 5 de abril de 1911, e agora reorganizada com a reforma do ensino secundário e superior, foram definidas as matérias que constituiriam os cursos de Medicina, Farmácia, Odontologia e Obstetrícia.⁸³ Estes cursos conferiam, respectivamente, os diplomas de doutor em medicina, farmacêutico, cirurgia-

⁸¹ Relatório da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, apresentado pelo Provedor Tenente-Coronel Antônio Soares de Barcellos.

⁸² PIRES, Denise. Hegemonia médica na saúde e a enfermagem- Brasil 1500-1930. São Paulo: Cortes, 1989.p.109

⁸³ BRANDÃO. Nadja dos Santos. Da tesoura ao Bisturi, o Ofício das Parteiras- 1897-1967. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica, 1998. p.90

dentista e parteira. No artigo 10, estipulava-se que o curso de Obstetrícia era destinado exclusivamente às pessoas do sexo feminino e seria cursado em dois anos.

No entanto, observa-se neste período uma diminuição significativa de alunas formandas no curso de Obstetrícia. Não se sabe se as alunas desistiam de estudar ou se levavam um tempo maior do que o previsto para formar-se. Segundo relatório da Congregação da Faculdade de Medicina, de 1889 até 1920 formaram-se apenas 22 parteiras, enquanto que no mesmo período formaram-se 266 médicos. Uma das explicações para esta escassez de alunas eram as exigências para ingressar no curso, que incluíam o exame de um caso clínico na maternidade e de pequenas intervenções obstétricas em manequim ou cadáver.⁸⁴

3.2-O Curso de Enfermagem Obstétrica e a nova Maternidade

Com o intuito de atrair mais alunas, em 1925 surge o curso de Enfermagem Obstétrica, com dois anos de duração, sem a prova em cadáver ou em manequim. Esta diminuição de exigência para ser parteira demonstrava a preocupação em atrair mais alunas para o curso, visto que o ofício continuava sendo da alçada feminina.

Formado em 1904, Mário Totta foi presença constante na educação das parteiras. Em sua autobiografia ele relata ter fundado um curso para parteiras na maternidade da Santa Casa, anterior ao curso oficial de 1925:

“Curso prático com leves noções teóricas indispensáveis à compreensão do assunto e programa estabelecido e cumprido à risca. Duração de um ano, o curso visava proporcionar às minhas conterrâneas a assistência de profissionais que, na hora precisa, as atendessem com a compreensão exata do seu papel...Uma lei geral do ensino para todas as escolas de medicina do Brasil fêz com que a nossa Faculdade abrisse o curso oficial de enfermagem obstétrica. O meu curso perdeu a razão de existir. Fechei-o”.⁸⁵

Com a criação do curso de Enfermagem Obstétrica de 1925, citado por Totta, ele passa a ministrar aulas no novo curso.

Ainda no ano de 1925 a estrutura hospitalar da Santa Casa sofreu alterações para comportar uma nova maternidade. Em março de 1925 o hospital mandava publicar a abertura da concorrência para a apresentação de um projeto de uma maternidade a ser construída em terreno de sua propriedade, com face para a praça Dom Feliciano, medindo 65 metros. O projeto da maternidade continha 40 leitos, um pavilhão de senhoras, com dez quartos, no

⁸⁴ BRANDÃO, Nadja dos Santos. Op Cit. P.97

⁸⁵ TOTTA, Mário. Op. Cit. p.369

pavimento superior e um pavimento inferior, com serviço sanitário e médico de acordo com os preceitos de higiene hospitalar da época.⁸⁶ Também no ano de 1925 foram solicitadas verbas para a construção de pavilhões de assistência à infância e à maternidade, obras consideradas de absoluta necessidade.⁸⁷

Na ata de setembro do mesmo ano, foi comunicado aos presentes na reunião a formação de uma comissão composta pelos médicos Viterbo de Carvalho e Mário Totta, para estudarem a implantação de uma maternidade. Na mesma ata, o doutor Mário Totta agradecia a sua nomeação interina para diretor desta futura maternidade, feita há tempos pela provedoria, assim como lembrava a desanexação urgente da sala de partos, da 6ª e da 7ª enfermarias, com o fim de organizar a sala que seria o embrião da referida maternidade.⁸⁸

No governo do então presidente da província, Getúlio Vargas, e na provedoria do médico Aurélio Py, em 1º de agosto de 1930 foi inaugurado o Hospital São Francisco, com a finalidade de receber pacientes particulares e assim financiar os demais serviços.

3.3- O lugar das parteiras e sua relação com o aborto criminoso

Um ano depois, em agosto de 1931, na inauguração da Maternidade da Santa Casa, que passara a funcionar junto ao Hospital São Francisco, Mário Totta fazia o seguinte discurso, sobre seus planos para as parteiras:

“Ampliação do curso de preparação de parteiras e enfermeiras que eu, há cinco anos instituí aqui na Santa Casa e onde duas vezes por semana leciono gratuitamente, já tendo preparado um número relativamente alto de profissionais que estão exercendo com dignidade o seu ofício não só nesta capital como em várias localidades do Estado.”⁸⁹

Conforme Cunha, os homens continuavam detendo os poderes de determinar as leis sociais, os hábitos culturais e o controle político e econômico, evidenciados nas normas que regulavam os procedimentos das parteiras e o que elas não deveriam ou poderiam fazer em atendimento.⁹⁰

A parteira deveria causar ótima impressão com a sua aparência; a sua cutis, o seu cabelo, os seus dentes, as suas unhas, e a sua indumentária deveria ser correta e não

⁸⁶ Relatório da Santa Casa do ano de 1925.

⁸⁷ Idem

⁸⁸ Idem

⁸⁹ Relatório da Santa Casa, 1931, p.76

⁹⁰ CUNHA, Franklin. Deusas, Bruxas e Parteiras. Porto Alegre: Solivros, 1994, p.38

demonstrar descuido nem negligência. A sua saúde deveria ser impecável. Deveria também ter amizades, interesses, vitalidade, entusiasmo, distrações, descanso e recreio. A parteira deveria também transmitir força, segurança e bom humor à parturiente.⁹¹

Em sua autobiografia Mário Totta relata uma noite em que estava trabalhando na maternidade da Santa Casa, atendendo à uma parturiente:

“A parteira corta o cordão umbilical, enrola às pressas o recém nascido numa toalha, deita-o num berço próximo e vem dar à parturiente os últimos cuidados. Súbito uma onda grossa de sangue vermelho e quente jorra lá de dentro. E, atrás dessa, mais outra e mais outra vem inundar o leito, abrindo na alvura do lençol uma grande nódoa escarlata, como um sinal de batalha. A parteira volta-se e me anuncia no laconismo frio do hospital: - Hemorragia. Acudo, examino a parturiente, num relance.”⁹²

Conforme a citação acima, o procedimento do parto era exclusivo das parteiras, o médico apenas acompanhava e agia em caso de intercorrência, à qual a parteira não estava, sob o ponto de vista médio, apta a atender. Assim, os médicos subordinavam hierarquicamente as parteiras, determinando sua conduta, as ações que poderiam ou não executar.

Em um discurso às formandas do curso de Enfermagem Obstétrica, em 1934, Mário Totta dizia o seguinte:

“Em todas as esferas do labor humano, em todas as funções que o indivíduo desempenha na vida coletiva, homem ou mulher, humilde ou poderoso, as atribuições e a liberdade de cada um de nós tem um limite de antemão estabelecido. E se esse limite não deve ser por ninguém transposto, com mais forte razão tereis vós de acatá-lo religiosamente porque nas vossas mãos e com as armas de que dispodes, o desrespeito dele importa num atentado.
Não almejeis ser doutoras!
Contentai-vos com a benemerência do mister que escolhestes.”⁹³

Nesta passagem fica bem claro o lugar de cada um dos agentes. As parteiras deveriam respeitar as regras a elas impostas pelos médicos, seus superiores hierárquicos, e os médicos seguiam sendo a autoridade maior, mesmo no campo da obstetrícia. Portanto, médicos como Mário Totta não necessariamente ocuparam o lugar das parteiras curiosas ou formadas do final do século XIX, mas colocaram-se como superiores a elas. Deram-lhes instrução para que

⁹¹ BRANDÃO, Nadja dos Santos, Op Cit. p.112

⁹² TOTTA, Mário.Op. Cit. p. 90

⁹³ Idem, p. 243

executassem a tarefa de trazer crianças ao mundo conforme os seus preceitos e tendo a eles como superiores. Dessa forma aos poucos foram dominando também este campo da medicina.

As parteiras curiosas ainda eram atuantes em meados da década de 30, e freqüentemente associadas ao aborto encomendado. Durante a década de 30 cresce a preocupação dos médicos e da imprensa escrita sobre os abortos executados por parteiras curiosas. O *Correio do Povo* traz uma série de reportagens, principalmente entre 1933 e 1934, sobre aquelas a quem denomina de “faiseues d’anges”, responsáveis por abortos mal executados que custavam a vida das mulheres que haviam solicitado tal serviço. Em uma das reportagens de 1933 o referido jornal diz o seguinte:

“Ontem a reportagem do *Correio do Povo* foi informada que na maternidade do Hospital São Francisco havia entrado uma senhora (23 anos de idade), que fora vítima de uma operação abortiva. (...) Ela dera entrada no hospital no dia sete do corrente, já em estado desesperador, tendo apenas poucas horas de vida, pois na manhã seguinte veio a falecer. Pelas informações que colheu a reportagem do *Correio do Povo*, Augusta, há dias, procurou a parteira D. Ida, pedindo que lhe fizesse um aborto. Mas como D. Ida se recusasse a praticar tal ato, ela então, foi por indicação de pessoa conhecida onde reside, à Rua Coronel Belo, uma parteira de nome Emma, tendo esta feito a interrupção abortiva, o que veio determinar a morte da paciente.”⁹⁴

No dia 22 de setembro, Mário Totta, como médico responsável pelo Curso de Enfermagem Obstétrica da Santa Casa de Misericórdia, concede entrevista ao *Correio do Povo* sobre o assunto, segundo ele:

“As parteiras criminosas começam o trabalho levando a sua ação ignóbil até determinarem a interrupção da gestação, o que elas facilmente conseguem por meio de sondas e de instrumentos perfurantes. Uma vez alcançado este objetivo, tudo mais, isto é, o trabalho propriamente do aborto fica ao Deus dará.”⁹⁵

No dia seguinte, o *Correio do Povo* apresenta outro caso de óbito decorrente de um aborto incompleto. Desta vez, a parteira Josephina Gonçalves ministrou chás e outros ingredientes à Cecília, esposa de um operário, que internou na Santa Casa, onde faleceu de tétano horas após a entrada.⁹⁶

⁹⁴ Abortos Criminosos. *Correio do Povo*. 10 de fevereiro de 1933. p.5

⁹⁵ A criminosa indústria de abortos em Porto Alegre. Entrevista com o Dr. Mário Totta. *Correio do Povo*, 2 de setembro de 1933.p.5

⁹⁶ A criminosa indústria dos abortos em Porto Alegre avança assustadoramente. *Correio do Povo*, 23 de setembro de 1933. p.5

Em três de Outubro de 1933, Maximiliano Cauduro, médico assistente na Maternidade da Santa Casa e professor do Curso de Enfermagem Obstétrica, recebe a reportagem do *Correio do Povo*, abordando a questão da mencionada “indústria do aborto” e a maneira de evitar-se as mortes dela decorrentes. Aponta como causas: a luta pela vida, a necessidade da mulher de encobrir um crime (adultério) que poderia arruinar a família e, principalmente, o comércio lucrativo das parteiras inescrupulosas.⁹⁷

É interessante destacarmos alguns elementos desta série de reportagens feitas pelo *Correio do Povo*. Em primeiro lugar o emprego do termo “indústria do aborto” não nos parece correto para designar tais casos. Esta expressão dá a idéia de uma grande estrutura organizada para o aborto, enquanto que, o que aparece nas reportagens são casos de mulheres que procuram conhecidas, vizinhas, para que realizem o procedimento. Em segundo lugar as reportagens mostram apenas casos de abortos praticados por parteiras enquanto que o próprio Mário Totta admitia que alguns médicos também praticavam tal procedimento e contavam com uma estrutura muito maior:

“Mas, desgraçadamente não são só parteiras que se encarregam deste nefando ofício: há também gente pergaminhada. Em Porto Alegre existem fábricas de aborto, conhecidas de todo mundo, e admiravelmente instaladas e dirigidas por profissionais treinados no mister. Estas são freqüentadas por quem pode pagar. Para as freguesas certas o preço é de mil réis por aborto.”⁹⁸

Em 1934, novas reportagens são publicadas no *Correio do Povo* e no *Diário de Notícias*, sempre sob o título “A indústria criminosa do aborto”. Em 10 de fevereiro de 1934, um novo caso de aborto é noticiado da seguinte forma:

“Continua progredindo de uma forma alarmante nesta capital, a atividade desenfreada e criminosa das “faisues d’anges” que sem escrúpulos e unicamente com o objetivo de conseguirem alguns mil réis, vão dizimando a desgraça e a morte em muitos lares”⁹⁹

Novamente o periódico vincula a imagem das parteiras ao aborto, acusando-as de não terem escrúpulos, enquanto que aqueles abortos realizados pelos “pergaminhados” não são sequer citados como um problema. Também em 1934, Mário Totta faz um discurso na cerimônia de formatura do curso de Enfermagem Obstétrica, já citado anteriormente, onde aconselha as futuras parteiras a não realizarem abortos:

⁹⁷ A campanha contra o aborto criminoso. *Correio do Povo*, 3 de outubro de 1933. p.5

⁹⁸ A criminosa indústria de abortos em Porto Alegre. Entrevista com o Dr. Mário Totta. *Correio do Povo*, 2 de setembro de 1933.p.5

⁹⁹ A indústria criminosa do aborto em Porto Alegre. *Correio do Povo*, 10 de fevereiro de 1934.p.5

Verdade lancinante a afirmação de Heynemann de que nenhuma doença, nem mesmo a tuberculose, sacrifica atualmente tantas vidas humanas como o aborto. (...) Pelas particularidades do vosso mister, sereis as confidentes naturais das futuras mães; pela vossa instrução, sereis desgraçadamente procuradas amanhã, ao tinir sinistro da moeda aviltante, para a pertetração do mais hediondo dos crimes.¹⁰⁰

Esta passagem nos revela o descontentamento com relação a prática do aborto nestes anos. Mas, mais importante, em sua fala Mário Totta revela que as parteiras eram as “confidentes das futuras mães”, era natural que em um momento de desespero as mulheres de poucas posses procurassem outras mulheres iguais a elas que manteriam seu segredo, já que conforme citado pelo próprio médico, as mulheres em melhor situação econômica procuravam médicos para realizar o procedimento. Trata-se ainda de um universo feminino, o privado é ainda o lugar da mulher. Portanto a dominação exercida pelos médicos sobre as parteiras, através de sua formação e das regras a elas impostas, é ainda parcial.

Dois anos depois, o médico Adair Figueiredo assina matéria no Correio do Povo, para esclarecer os limites da atividade da parteira diante da autoridade do médico. Recorre ao decreto n. 20931, que regulamenta o exercício da medicina no Brasil. Figueiredo tal como Totta, condena veementemente a ação das parteiras que agem no Rio Grande do Sul. Pede a intervenção do organismo sanitário do estado para corrigir tais erros. Enfatiza: “De jure ET de facto, não é lícito que se proceda a quaisquer práticas obstétricas sem habilitação legal e regular, no sentido profissional.” Mas vai além e condena a ação das enfermeiras-partteiras devidamente preparadas para a atividade de obstetra e insiste:

“É mais lamentável ainda a constatação de que estejam implicadas nas démarches da organização definitiva da Família Médica. (...) E é também necessário, e devido, prevenir o espírito público em relação à ilegalidade da assistência obstétrica e do exercício clínico feito por parteiras. Sua função se limita dentro da lei, ao auxílio que devem prestar ao médico, não podendo praticar senão atos de secundária importância, sempre na presença do obstetra, assumindo este a plena responsabilidade médica e jurídica do trabalho que ela executar.”¹⁰¹

Aqui torna-se ainda mais aparente a dominação que a classe médica pretendia exercer sobre as parteiras, tanto as curiosas quanto as formadas. No entanto, todos os casos publicados de abortos envolvendo parteiras, nos sugerem que estas continuam a ser procuradas.

¹⁰⁰ TOTTA, Mário. Op. Cit. p.244

¹⁰¹ FIGUEIREDO, Adair. Médicos e parteiras. Diário de Notícias. 1º de novembro de 1936.p.4

Em 1939, as denúncias sobre a prática do aborto voltam aos jornais. O *Diário de Notícias* informa que a polícia, diante dos dados fornecidos pela estatística do serviço de obstetrícia da capital, considera assustador o número de abortos ocorridos nos hospitais de Porto Alegre. A reportagem desloca-se à Santa Casa para obter mais informações. Sobre o aborto, entrevista o cirurgião Coradino Lupi Duarte e registra a sua avaliação:

“O aborto em Porto Alegre assume aspecto constritor. Inúmeros são os casos por nós atendidos diariamente de aborto incompleto. Entre estes destacamos o aborto provocado e é justamente este ponto que desejo atacar. Não sei a que atribuir a grande quantidade de abortos provocados que tem surgido nestes últimos tempos. Talvez a mentalidade moderna, em que as senhoras para se conservarem elegantes, ou para não terem obrigações procuram por todos os modos evitar filhos. Ou então o reflexo de uma situação econômica, sendo evitadas a formação de famílias numerosas, para evitar, também, maiores despesas. De todos os modos é deplorável o que se observa.”¹⁰²

Lupi Duarte sugere que parteiras, médicos, maternidades, a Higiene do Estado e a polícia unam-se em torno do combate ao aborto. Ele, assim como Mário Totta, revela que médicos também exercem tal prática, mas responsabiliza em primeiro lugar as parteiras:

“Naturalmente que as culpadas são certas parteiras sem escrúpulo profissional que fazem do aborto criminoso verdadeira “indústria”. Porém, as parteiras não são as únicas responsáveis. Há vários médicos na capital, e isto é que se deve lamentar, que esquecem a responsabilidade e a dignidade da profissão incorrendo na mesma prática.”¹⁰³

Assim percebemos, que a classe médica exerceu dominação sobre as parteiras tanto formadas quanto curiosas. Para as primeiras através do curso de partos, que passou por diversas transformações, onde os médicos determinavam qual atitude era correta à uma parteira e qual o seu papel no atendimento à gestante. Mário Totta esteve diretamente envolvido neste processo, já que havia criado um curso de partos, que depois deu lugar ao Curso de Enfermagem Obstétrica.

Para as segundas, podemos perceber a vinculação da imagem da parteira aos abortos provocados, através da grande exposição na imprensa escrita. Tanto o *Correio do Povo* quanto o *Diário de Notícias* apresentam os casos sob o título de “indústria do aborto”, e não há menção, salvo na entrevista de Mário Totta e na de Lupi Duarte, dos casos de aborto provocado por médicos. A dominação é exercida pelos médicos ligando às parteiras uma imagem negativa, e uma prática proibida legalmente no final da década de 30.

¹⁰² A polícia inicia o combate à prática criminosa do aborto. *Diário de Notícias*. 18 de fevereiro de 1939.p.7

¹⁰³ Idem.

Também é importante ressaltar que a medicina foi regulamentada em 1932, e a maioria dos casos encontrados nos referidos jornais ocorrem após esta data, nos anos de 1933 e 1934 até 1939. Portanto parece tratar-se de uma reação dos médicos para combater os leigos que exercessem práticas que agora eram exclusivamente médicas. Nos casos apresentados o combate refere-se às parteiras curiosas. E assim a medicina vai ganhando força no campo da obstetrícia.

Através da trajetória de Mário Totta é possível passar por todas estas questões. E perceber porque ele, e outros médicos como ele, conseguiram firmar-se na obstetrícia. Aos poucos esta área deixa de ser um terreno prático, para ter constante presença do saber científico através dos médicos. Novamente é importante ressaltar que as parteiras não deixam de existir no momento em que o médico se afirma neste meio, mas seu papel muda drasticamente. Tornam-se subalternas aos médicos e cumpridoras das determinações destes, o parto deixa de ser uma experiência privada, de mulheres com suas comadres, e passa a ser “científico”, aumentando a procura pelos hospitais para que nasçam os bebês.

Conclusão

Mário Totta encerrou suas atividades em 17 de novembro de 1947, data de seu falecimento. Para cumprir os objetivos desta pesquisa nos debruçamos sobre alguns fragmentos de sua vida que nos levaram a perceber uma série de elementos que seriam decisivos para que os médicos aumentassem sua dominação nos serviços de saúde. Em detrimento de outros indivíduos que formados ou não também atuavam nesta área.

Concluimos que as relações sociais e políticas de Mário Totta influenciaram em seu reconhecimento enquanto médico e vice-versa. Não nos esqueçamos que uma trajetória de vida é complexa, e que a vida política, social e profissional de Totta ocorriam ao mesmo tempo. Influenciando-se mutuamente.

Dentro das relações sociais do médico, primeiro explicitamos sua boa educação e suas relações familiares. Embora não tivesse muitas posses a família Totta era composta de educadores o que conferiu a Mário Totta a oportunidade de obter uma boa formação. Foi através de sua família que conseguiu seu primeiro emprego na Livraria Americana e pelas publicações feitas por ele neste emprego que conseguiu publicar também no Jornal do Comércio.

Ressaltamos sua amizade com Paulinho de Azurenha e Caldas júnior, com que fundou o Correio do Povo. Através deste jornal Mário Totta fez uma série de publicações, desde uma carta que deu início ao “natal da criança pobre”, passando por entrevistas, até uma coluna sobre medicina escrita por ele. Estas publicações lhe conferiam visibilidade perante a sociedade da época, tornando-o “um rosto conhecido”.

Demonstramos, também que Totta envolvia-se em uma série de atividades sociais. Foi presidente do Esporte Clube Cruzeiro, fundou a Sociedade Cultural e Bailante Jocotó, envolveu-se nas festas de carnaval. Mário Totta estava presente em muitos eventos da sociedade porto-alegrense. Tornava-se assim conhecido, tanto pelas pessoas que freqüentavam estes lugares como por seus colegas médicos, pois enquanto ele se dedicava a todas essas atividades sociais também atuava como médico e professor na Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Quanto às suas relações políticas, Totta mantinha certa proximidade com figuras importantes da época, como Oswaldo Aranha e Getúlio Vargas. Apoiou a revolução de 1930

inclusive oferecendo-se para marchar com as tropas. Seu reconhecimento por Vargas o ajudou a conseguir a oficialização da Faculdade de Medicina e mais tarde a equiparação salarial dos professores desta, com as outras faculdades do país. Apesar de não se reconhecer como apoiador de nenhum partido político, Totta obteve o cargo de Secretário Geral da Instrução Pública durante o governo de Borges de Medeiros. Estas relações lhe valeram conquistas no campo médico e reconhecimento perante seus pares.

Quanto ao convívio de médicos e parteiras, através da trajetória de Mário Totta percebemos a existência de uma relação de dominação dos primeiros sobre as segundas. Esta dominação se expressa, no caso das parteiras formadas, através do curso ministrado a elas pelos médicos, onde eram impostas as regras que estas deveriam seguir. Percebe-se uma clara relação de subordinação dessas parteiras ao grupo médico. No caso das parteiras que se mantém atuantes apesar de possuírem apenas conhecimento prático, as curiosas, percebe-se uma vinculação destas a prática proibida do aborto.

Dentro de um contexto de Medicina Social, vigente no período, Mário Totta publicou dois livros: *O Medicina em pílulas* e *o Médico em casa*, que levavam conselhos de medicina à população. Aumentando desta forma seu envolvimento e visibilidade na sociedade. Totta também participou da luta pela regulamentação do exercício da medicina, estando presente entre o grupo de médicos fundadores do sindicato em 1931.

Por fim, concluímos que através de todas essas características e acontecimentos acima descritos foi possível à Mário Totta tornar-se conhecido e renomado em sua área, e cada vez mais exercer domínio sobre a obstetrícia e os demais profissionais que desta dela atuavam.

Bibliografia:

ACHUTTI, Aloysio. **Cem anos de formação médica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1998. v. 1.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2001, p.183-191

BRANDÃO. Nadja dos Santos. **Da tesoura ao Bisturi, o Ofício das Parteiras- 1897-1967**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica, 1998

BRITTO, Nara. **Oswaldo Cruz: a construção de um mito na ciência brasileira**. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz, 1995

CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

CUNHA, Franklin. **Deusas, Bruxas e Parteiras**. Porto Alegre: Solivros,1994

EDLER, Flávio Coelho. **As Reformas do ensino Médico e a profissionalização da Medicina na corte do Rio de Janeiro, 1854-1884**. São Paulo: USP, 1992 p.138-139.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989

GRIJÓ, Luiz Alberto. Biografia, para quê? In: CORADINI, Odaci Luiz (org.). **Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008, p. 85-102.

GRYNSZPAN, Mário. Os idiomas da patronagem: um estudo da trajetória de Tenório Cavalcanti. In: **Revista brasileira de Ciências Sociais**. , n. 14, p.73-90, out., 1990.

HASSEN, Maria Nazareth Agra. **Fogos de Bengala no céu de Porto Alegre: A Faculdade de Medicina faz 100 anos**. Porto Alegre: Tomo editorial,1998.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, FGV, 2001, p.167-182.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. 1997.

LUZ, Madel Terezinha. **Medicina e ordem política brasileira: políticas e instituições de saúde (1850 -1930)**. Rio de Janeiro: Graal, 1982

MACHADO, Roberto et al. *Danação da Norma: Medicina social e constituição da medicina no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MACIEL, Maria Eunice. A eugenia no Brasil. **Anos 90: revista do programa de pós-graduação em História**, Porto Alegre, n.11, pp121-143, julho, 1999

MAGALHÃES, Fernando. **A obstetrícia no Brasil**. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro, 1922

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino:A Medicina da Mulher nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000.

MERHY, Emerson Elias. **O capitalismo e a saúde pública**. 2. Ed. Campinas: Papius, 1987

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: PRIORE, Mary Del. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto. 1997

PIRES, Denise. **Hegemonia médica na saúde e a enfermagem- Brasil 1500-1930**. São Paulo: Cortes, 1989.p.109

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da Cura: as diferentes Medicinas no Rio de Janeiro imperial**. Campinas: UNICAMP, 1995.

.SANTOS FILHO, Lycurgo. **História geral da Medicina brasileira**. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1991.

SINGER, Paul. **Prevenir e Curar: o controle social através dos serviços de saúde.**
Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar. Medicina, Religião, Magia e
Positivismo na República Rio-Grandense – 1889 – 1928.** Santa Maria: EDUSC. 1999.

Fontes utilizadas:

Totta, Mário. Obras. Porto Alegre: Selbach, 1952. v.2.p.328

Correio do Povo:

Informações dirigidas ao Presidente do Estado. Correio do Povo. 17 de outubro de 1930.

Os Médicos que partiram. Correio do Povo. 18 de outubro de 1930.

O Hospital de Sangue de Jaguariahyva. Correio do Povo. 7 de novembro de 1930

Abortos Criminosos. Correio do Povo. 10 de fevereiro de 1933. p.5

A criminosa indústria de abortos em Porto Alegre. Entrevista com o Dr. Mário Totta. Correio do Povo, 2 de setembro de 1933.p.5

A criminosa indústria dos abortos em Porto Alegre avança assustadoramente. Correio do Povo, 23 de setembro de 1933. p.5

A campanha contra o aborto criminoso. Correio do Povo, 3 de outubro de 1933. p.5

A criminosa indústria de abortos em Porto Alegre. Entrevista com o Dr. Mário Totta. Correio do Povo, 2 de setembro de 1933.p.5

A indústria criminosa do aborto em Porto Alegre. Correio do Povo, 10 de fevereiro de 1934.p.5

Diário de Notícias:

A Assistência aos feridos na revolução. Diário de notícias. 07 de novembro de 1930.

FIGUEIREDO, Adair. Médicos e parteiras. Diário de Notícias. 1º de novembro de 1936.p.4

A polícia inicia o combate à prática criminosa do aborto. Diário de Notícias. 18 de fevereiro de 1939.p.7

Archivos Rio Grandenses de Medicina:

Archivos Rio Grandenses de Medicina, ano VII, n.3, p.2-13, mar.1928

Archivos Rio Grandenses de Medicina, ano VII, n.3.p.16, mar. 1928

Relatórios da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre:

Relatório da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, apresentado pelo Provedor Tenente-Coronel Antônio Soares de Barcellos. Jan 1898.

Relatório da Santa Casa do ano de 1925.

Relatório da Santa Casa, 1931, p.76